

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO de LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Ana Maria Santiago

As Vogais do Português do Príncipe

Florianópolis

2019

Ana Maria Santiago

As Vogais do Português do Príncipe

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Letras
– Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de
Comunicação e Expressão da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito para a obtenção do título
de Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas
Orientador: Prof.^a DR.^a Ana Livia dos Santos Agostinho

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Santiago, Ana Maria
As vogais do português do Príncipe / Ana Maria
Santiago ; orientadora, Ana Livia dos Santos
Agostinho, 2019.
60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras
Português, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Fonologia. I. Agostinho,
Ana Livia dos Santos. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Letras Português. III.
Título.

Ana Maria Santiago

As Vogais do Português do Príncipe

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado para obtenção do Título de “Bacharel em Letras” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas.

Florianópolis, 18 de Dezembro de 2019.

Prof. Núbia Saraiva Ferreira, Dr.(a).
Presidente da Banca

Banca Examinadora:

Prof.(a) Ana Livia dos Santos Agostinho, Dr.(a)
Orientadora
UFSC

Prof.(a) Cristiane Lazzarotto Volcão, Dr.(a)
Avaliadora
UFSC

Prof.(a) Izabel Christine Seara, Dr.(a)
Avaliadora
UFSC

Este trabalho é dedicado aos meus pais que, literal e metaforicamente, me trouxeram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, Ana Livia Agostinho, que, de certa forma, tem guiado meu percurso desde suas primeiras aulas de fonética e fonologia, quando despertou meu interesse pela linguística. Desde então, esteve incentivando e ensinando com paciência, carinho e dedicação. Obrigada por acreditar que eu conseguiria e depois me ajudar a conseguir. Sua paixão e competência como professora, orientadora e pesquisadora me inspiram enormemente. Também agradeço profundamente às professoras Nubia Saraiva Ferreira, Izabel Cristine Seara e Cristiane Lazarotto Volcão por aceitarem participar da minha banca. Especialmente às professoras Cristiane e Izabel, pelas ricas contribuições a este trabalho, incluindo os apontamentos cuidadosos e discussões promovidas durante a defesa. À Luciana Feliciano, por ter se dedicado de diferentes formas a me ajudar nesse processo. Também agradeço imensamente a cada um e cada uma dos/das informantes que tornaram esta pesquisa possível, a quem sinto que já conheço pelo menos um pouco, nem que seja por ouvir tantas vezes as suas vozes.

Agradeço a minha mãe, Sinclair, meu pai, José e meu irmão, William, que, mesmo precisando estar fisicamente distantes, me acompanham e apoiam cada um a sua maneira, a cada passo deste caminho. Independente de onde eu for parar, sempre terá muito da nossa família comigo.

Agradeço também às petianas e petianos, com quem compartilhei e compartilho tanto - todos os dias, há 3 anos e meio. Pertencer ao PET Letras não me deu apenas um lugar para estar na universidade, mas também uma ajuda inestimável para minha busca por construir o meu próprio lugar no mundo. À Ana Gabriela, Ananda, Nicole, Sarah, Felipe, Tuan, Vitória, Andreia, Luciana, Juliana, Anderson e Moara, além do professor Carlos, agradeço pelas risadas, aprendizados, parceria e companhia diários. Tudo o que trocamos não cabe em palavras.

Às professoras e professores da graduação, especialmente as/os de linguística, que, sem dúvidas, plantaram sementes de muito mais do que curiosidade e conhecimentos teóricos na minha mente e, às vezes, no coração. Agradeço às amigas, amigos e colegas com quem tive boas trocas, seja em sala de aula, nos corredores, na feirinha ou na pista de atletismo.

Sou grata à Marcella, por deitar comigo na grama e tornar tudo melhor em todas as vezes. À Marina, por ser uma referência maravilhosa, em mais de um sentido. À Tábata, pelos cafés e apoio incansável, além de por compartilhar infinitamente mais do que uma casa comigo. À Daniela, por, mesmo longe, estar sempre perto e, por ser ela, me ajudar a ser mais eu. À Moara, novamente, por cuidar com tanto carinho de mim e do meu texto. À Ingrid, por ser

parceira em tantos sentidos. Ao Felipe, também novamente, por ser um ótimo guia e o melhor slider que alguém poderia querer. Por fim, um agradecimento especial ao Lucas, pela ajuda e companhia mas também pelos sorrisos.

RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se descrever e analisar a distribuição das vogais licenciadas em diferentes posições acentuais, a saber, tônica, pretônica e postônica, da variedade do português do Príncipe (PP), falada em São Tomé e Príncipe, bem como apontar algumas ocorrências de variação vocálica nessa variedade. O arquipélago, localizado na região do Golfo da Guiné, está imerso em um contexto multilíngue, onde as línguas crioulas nativas coexistem com o português, a única língua com status de oficial. A complexa ecologia linguística das ilhas também decorre de seu passado como colônia portuguesa, marcada por aspectos sociais e políticos que resultaram em muitas situações de contato linguístico e continuam até os dias atuais. Para a pesquisa, realizou-se a transcrição e análise dos dados controlados de fala coletados na ilha. Como atestado pela análise dos dados, o sistema de vogais do português principense é composto por 7 segmentos vocálicos na posição tônica, [i, e, E, a, o, o, u], que se reduz a 5 na posição pretônica assim como na postônica medial, [i, e, a, o, u]. No contexto postônico final, por sua vez, o PP tem ainda menos vogais, apenas 3, [I, 6, U]. Com relação à variação vocálica, verificou-se a ocorrência de alternância entre as vogais média alta e baixa na vogal tônica, alçamento vocálico na pretônica e postônica medial, além de desvozeamento vocálico na postônica final. Uma característica única identificada no PP foi a ocorrência de vogais médias baixas em palavras derivadas com os sufixos –inho e –íssimo. Em conclusão, essas características demonstram que a variedade em questão aproxima-se e distancia-se do PB e do PE em diferentes aspectos, constituindo uma variedade única e legítima da língua portuguesa.

Palavras-chave: Fonética e Fonologia. Sistema vocálico. Português do Príncipe.

ABSTRACT

In this work, we aimed to describe and analyze the distribution of licensed vowels in different accentuated positions, namely, tonic, pretonic and postonic, of the Portuguese variety of Príncipe, spoken in São Tomé and Príncipe, as well as to point out some occurrences of vocalic variation in this variety. The archipelago, located in the Gulf of Guinea region, is immersed in a multilingual context, where native Creole languages coexist with Portuguese, the only official language. The complex linguistic ecology of the islands also stems from its past as a Portuguese colony, marked by social and political aspects that have resulted in many situations of linguistic contact and continue to the present day. For the research, we performed the transcription and analysis of controlled speech data collected on the island. As attested by the data analysis, the vowel system of the Portuguese principense is composed of 7 vocalic segments in the tonic position, [i, e, E, a, o, o, u], which reduces to 5 in both the pretonic position as in the medial postonic, [i, e, a, o, u]. In the final postonic context, in turn, PP has even fewer vowels, only 3, [I, 6, U]. Regarding the vowel variation, it was found the occurrence of vowel alternation between high and low medium vowels in the tonic vowel, pretonic and medial postonic vowel elevation. In addition to vowel unveiling in the final postonic. A unique feature identified in PP was the occurrence of low mean vowels in derived words with the suffixes –inho and –íssimo. In conclusion, these characteristics demonstrate that the variety in question approximates and distances the PB and PE in different aspects, thus constituting a unique and legitimate variety of the Portuguese language.

Keywords: Phonetics and Phonology. Vowel system. Portuguese of Príncipe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição por número de falantes por língua	32
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro Vocálico Tônico do Português Principense.....	45
Quadro 2 – Vogais tônicas do PP conforme posição na palavra.....	46
Quadro 3 – Vocálico Pretônico do Português Principense.....	46
Quadro 4 – Vogais pretônicas no PP nos dados.....	47
Quadro 5 – Quadro Vocálico Postônico Medial do Português Principense.....	48
Quadro 6 – Vogais postônicas mediais do PP nos dados.....	48
Quadro 7 – Quadro Vocálico Postônico Final do Português Principense.....	48
Quadro 8 – Vogais postônicas finais no PP nos dados.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrência de alternância vocálica na tônica no português principense	50
Tabela 2 – Distribuição da ocorrência vocálica de acordo com os falantes.....	50
Tabela 3 – Alçamento vocálico na pretônica no PP.....	51
Tabela 4 – Distribuição do alçamento vocálico na pretônica de acordo com cada falante (Nº) no PP.....	52
Tabela 5 – Vogais médias pretônicas em formas derivadas no PP.....	52
Tabela 6 – Distribuição das vogais médias pretônicas em formas derivadas no PP de acordo com cada falante (Nº).....	53
Tabela 7 – Alçamento vocálico em vogal postônica medial no PP.....	54
Tabela 8 – Desvozeamento vocálico em postônica final no PP.....	54
Tabela 9 – Distribuição do desvozeamento vocálico no PP de acordo com cada falante (Nº).	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INE: Instituto Nacional de Estatística

PB: Português brasileiro

PE: Português europeu

PP: Português principense

PS: Português de São Tomé e Príncipe

PST: Português de São Tomé

STP: São Tomé e Príncipe

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	justificativa	16
3	OBJETIVOS	19
3.1	Objetivo Geral	19
3.2	Objetivos Específicos	19
4	São Tomé e Príncipe – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO GEOGRÁFICA	20
4.1	Caracterização geográfica.....	20
4.2	DESCOBRIMENTO E PRIMEIRA COLONIZAÇÃO	21
4.3	Segunda colonização	24
5	CONTATO LINGUÍSTICO E A SITUAÇÃO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	25
5.1	Contato linguístico, pidgins e línguas crioulas	26
5.2	As línguas de São Tomé e Príncipe	28
5.3	Línguas crioulas e o papel do português.....	30
5.3.1	O português de São Tomé e Príncipe	33
6	TRABALHOS PRÉVIOS	35
6.1	PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ	35
6.2	PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE	39
6.3	TRABALHOS COMPARATIVOS PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE	40
6.4	AS VOGAIS NO PORTUGUÊS brasileiro e europeu	41
7	METODOLOGIA	43
7.1	CORPUS E COLETA	43
7.1.1	Caracterização dos falantes	43
7.2	Tratamento dos dados e análise	44
8	Quadros vocálicos do português do príncipe	45

8.1	VOGAL TÔNICA	45
8.2	VOGAL PRETÔNICA	46
8.3	VOGAL POSTÔNICA	47
8.3.1	Vogal Postônica Medial.....	47
8.3.2	Vogal postônica final	48
9	Varição vocálica no português do príncipe	49
9.1	VARIAÇÃO NA VOGAL TÔNICA	50
9.2	Varição na vogal pretônica	50
9.3	Varição na vogal postônica.....	53
10	Considerações finais	55
	Anexo A – Lista de palavras	64

Prefácio

Neste prefácio, objetivo pontuar algumas questões intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento deste trabalho, assim como marcar o lugar de onde parto enquanto pesquisadora. Sou uma pessoa com deficiência visual, o que, em interação com um ambiente pouco sensível à diversidade e uma sociedade estruturalmente capacitista, significa que encontro muitas dificuldades cotidianamente. No caso específico desta pesquisa, me deparei com uma série de problemas que impactaram diretamente em seu desenvolvimento de diferentes formas.

Talvez o maior desses problemas tenha sido a enorme falta de material em formato acessível, ou seja, que pudesse ser lido por leitores de tela. Com isso, perdi muito tempo e energia procurando e tentando converter textos, por exemplo. Além da limitação de acesso, O Alfabeto Fonético Internacional também não é acessível à leitores de tela, o que aumenta muito a dificuldade de encontrar materiais específicos. Por este motivo também que, neste trabalho, utilizo apenas o alfabeto X SAMPA, mesmo quando os artigos originais utilizavam o IPA. Soma-se a isso o fato de que os programas comumente utilizados na área, como o Praat e vários outros, são também completamente impossíveis de utilizar com autonomia. Isso fez com que eu precisasse buscar incansavelmente alternativas que suprissem ao menos algumas das necessidades e também que levasse pelo menos o dobro do tempo para fazer atividades simples, como transcrição de áudio, além de precisar de ajuda constantemente com questões afins que não puderam ser resolvidas de outra forma. Neste sentido, tive a sorte de contar com o apoio e compreensão da minha orientadora, inestimáveis em vários sentidos durante esse processo.

Certamente, a falta de acessibilidade explica algumas das minhas escolhas, que podem ser consideradas incomuns, mas isso não anula o meu trabalho ou torna a minha pesquisa e resultados menos válidos. Também não escrevo para falar apenas das minhas dificuldades individuais, mas de uma realidade que diariamente atinge milhares de pessoas com deficiência e que precisa ser conhecida, debatida e combatida em todos os espaços, inclusive neste. A linguística pode ser incrivelmente visual, assim como todo o resto do mundo. No entanto, isso nem de longe significa que existe apenas uma forma de se fazer as coisas. Muito pelo contrário. Luto para que a diversidade não seja mais o problema.

Este trabalho nasceu de muito estudo, dedicação e uma dose considerável de paixão, mas também me lembrou constantemente que a sociedade, da forma que se constrói atualmente e ao longo dos anos, acha que pessoas com deficiência não podem ocupar muitos lugares, a maioria deles. E, portanto, não oferece sequer as condições mínimas para isso. Eu luto pela mudança de paradigma. Não só para poder fazer e estudar o que amo da forma mais fácil, mas também para que eu e nenhum outro/a pesquisador/a precisemos realizar em nossas pesquisas o dobro de esforço de nossos pares sem deficiência visando os mesmos fins, para que não haja distinção de valor entre pesquisadores por nossos corpos e formas de estar no mundo. Por fim, para que todas e todos nós possamos, em algum momento desta luta diária e sem fim, ocupar todos os espaços que quisermos, sem precisar escolher onde supostamente cabemos. E depois abrir espaço a força. Sem precisar sofrer entre a paixão e a raiva, de um jeito que só quem já passou por isso entende. Sem precisarmos pendular infinitamente entre os postos de inspiração e repulsa em nossos ambientes de pesquisa e trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste em uma descrição e análise do quadro vocálico do português falado na Ilha do Príncipe, ou português principense (PP), destacando a ocorrência das vogais em suas diferentes posições acentuais, a saber, tônica, pretônica e postônica, além de apontar algumas ocorrências de variação vocálica. Objetiva-se, então, descrever e analisar a ocorrência das vogais nas diferentes posições acentuais do PP, contribuindo com os estudos de fonética e fonologia sobre as variedades do português e das línguas em contato. Para tanto, utilizou-se um corpus com dados coletados na Ilha do Príncipe, composto de 10 falantes e uma lista de 80 palavras previamente escolhidas, encaixadas em uma frase veículo. Esses dados foram transcritos foneticamente e depois analisados.

A Ilha do Príncipe é uma das duas grandes ilhas vulcânicas que constituem São Tomé e Príncipe, um país insular localizado na região do Golfo da Guiné, na costa ocidental da África. Conforme as informações disponíveis, o arquipélago estava desabitado até a chegada dos portugueses, que iniciaram seu processo de colonização por volta do ano 1490 (HAGEMEIJER, 2009). A colonização pode ser dividida entre a fase da cana de açúcar e a fase do cacau e do café, ambas sustentadas pelo trabalho escravo. O arquipélago, devido a sua localização estratégica para o tráfico, tornou-se por algum tempo um entreposto atlântico desse mercado, o que significou a presença de muitas pessoas de diferentes lugares, falando suas línguas tipologicamente diferentes, em um contexto bastante específico de confinamento e violência.

Assim sendo, como pessoas de diversas partes da África foram levadas às ilhas, aprisionadas e obrigadas a conviver entre si, logo surgiu a urgência de alguma forma de comunicação, já que não havia uma língua comum e o acesso ao português do colonizador era escasso. A partir dessa necessidade, surgiu um pidgin que, com o tempo, expandiu-se e ramificou-se, tornando-se as quatro línguas crioulas, autóctones e geneticamente relacionadas do Golfo da Guiné (AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017.)

O português, atualmente a única língua que detém o status de oficial, convive ainda com 3 dessas línguas crioulas e autóctones, o forro ou santome, o lung'le e o angolar, (a quarta língua, o fa dambô, é falada apenas em Ano-Bom e Bioko, na Guiné Equatorial), consideradas línguas nacionais. A norma europeia do português é o que aparece nas comunicações de Estado, imprensa e no sistema escolar das ilhas. Mesmo assim, tanto em São Tomé quanto no Príncipe, existem as suas variedades próprias e singulares do português, que emergem do uso e também do contato com as outras línguas locais. Essas variedades, no entanto, não tem sido alvo de

muitas investigações científicas até então, principalmente na área da fonética e fonologia, mas também na linguística em geral.

Dessa forma, este trabalho mostra-se importante não só na medida em que é a primeira descrição do sistema vocálico da variedade em questão, mas também porque contribui com o conhecimento que se tem sobre a língua portuguesa como um todo e suas diferentes variedades. Ademais, pode contribuir também para o campo dos estudos sobre as línguas em contato.

Para finalizar, este trabalho está organizado da seguinte forma. Na seção 2, é apresentada a justificativa desta pesquisa, seguida dos objetivos geral e específicos, que podem ser vistos na seção 3. Na próxima seção, realiza-se uma contextualização histórico geográfica de São Tomé e Príncipe, contemplando aspectos gerais sobre o arquipélago, assim como seu descobrimento e os dois períodos de sua colonização. O contato linguístico ganha destaque na seção 5, que começa por trazer definições básicas sobre o campo em questão, pidgins e línguas crioulas, para depois trazer reflexões sobre as línguas de São Tomé e suas relações, principalmente em relação ao português. Os trabalhos prévios são o foco da seção 6, dividida entre trabalhos sobre o português de São Tomé, do Príncipe e de ambas as variedades, seguido de um panorama bastante rápido do que se sabe sobre as vogais no português brasileiro e europeu.

A metodologia a partir da qual realizou-se esta pesquisa é discutida na seção 7, com detalhes sobre o corpus e coleta, além do tratamento e análise dos dados. Os resultados obtidos são mostrados na próxima seção, com o quadro vocálico do português principense, dividido por vogal tônica, pretônica, postônica medial e final. Discussão que continua na seção 9, na qual aparecem algumas ocorrências de variação vocálica encontradas nos dados. Encerrando com a seção 10, que apresenta as considerações finais.

2 JUSTIFICATIVA

Em se tratando de investigação científica sobre as variedades africanas do português, de acordo com Hagemeijer (2016), as variedades de português de Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe são menos conhecidas e apresentam, de modo geral, produção acadêmica mais recente. Também, verifica-se um desequilíbrio em relação às áreas investigadas. Tem sido privilegiadas áreas como sintaxe e morfosintaxe, ao passo que as áreas da fonética e da fonologia das variedades africanas do português estão praticamente por desbravar” (HAGEMEIJER, 2016).

Em consonância com isso, Agostinho et al. (no prelo) afirmam que, até o momento, há poucos estudos sistemáticos a respeito do português de São Tomé e se sabe ainda menos sobre o português do Príncipe. Este último, notadamente dividido entre português como L1, para a maioria dos principenses e como L2 para aqueles que se identificam como cabo-verdianos e falam o kabuverdianu. “Desse modo, constata-se facilmente um fosso entre as múltiplas variedades de português em STP e o que de fato se sabe cientificamente a respeito delas.” (AGOSTINHO et al, no prelo). Em sua resenha do livro *The Handbooks of Portuguese Linguistics*, editado por W. Leo Wetzels, João Costa e Sérgio Menuzzi, Quarezemin et al. (2018) apontam para o fato de que a obra resenhada constitui uma importante referência para pesquisadores interessados na língua portuguesa, no entanto, outras variedades que não a brasileira e europeia aparecem apenas no capítulo sobre contato linguístico, o que revela a pouca descrição e análise dessas variedades, além da pouca difusão dos trabalhos nessas áreas.

Ainda sobre isso, Silveira (2013) afirma que os reflexos de um sistema de ensino em que professores buscam ensinar uma norma culta do português que não dominam e como as línguas crioulas e a língua portuguesa podem influenciar umas às outras ainda são pouco estudados.

Tendo isso posto, a importância deste trabalho reside, principalmente, no fato de se tratar da primeira descrição de uma variedade de português sobre a qual ainda há poucos trabalhos publicados, sobretudo no ramo da fonética e fonologia. Têm se realizado inúmeras pesquisas ao longo dos anos sobre português brasileiro e europeu, mas tantas outras variedades parecem não despertar o mesmo interesse, principalmente em se tratando de variedades africanas. Certamente, isso está ligado a uma série de questões sociais e políticas que atuam construindo e definindo as relações estabelecidas com e entre as línguas.

O fato de haver poucos trabalhos fonético fonológicos sobre essa variedade pode ser verificado facilmente conferindo o site organizado pela cátedra de português da universidade moçambicana Eduardo Mondlane¹. Nele, são reunidas bibliografias das diversas variedades de português, sendo que a de São Tomé e Príncipe foi organizada pela pesquisadora Rita Gonçalves, da Universidade de Lisboa. No momento da escritura deste texto, 58 trabalhos estão cadastrados. Destes, nenhum trata especificamente do português do Príncipe. Poucos sequer o mencionam, focando no português de São Tomé. Mesmo o português sendo a única língua

¹ A bibliografia sobre o português de São Tomé e Príncipe está disponível no site <https://catedraportugues.uem.mz/?target=lista-bibliografia-sao-tome>

oficial do país, quase nenhum trabalho focaliza a variedade realmente utilizada por seus falantes. Também é possível constatar que ainda são poucos os trabalhos na área de fonética e fonologia, mesmo dentre os que tratam apenas do português de São Tomé, predominando trabalhos da área da sintaxe.

Dessa forma, realizar um trabalho de descrição das vogais do português da Ilha do Príncipe mostra-se fundamental não só na medida em que, de fato, apresenta dados sobre quais vogais são licenciadas em cada posição acentual nessa variedade, o que amplia o conhecimento existente sobre o português como um todo e as possibilidades de se pensar sobre a língua, mas também traz visibilidade e certa legitimidade para uma variedade que, já única e legítima, nem sempre é reconhecida como tal.

De acordo com Silveira (2013) "Estudar as variedades africanas do português faz-se importante na medida em que o conhecimento de seu comportamento nesse contexto sócio-histórico ajuda a entender o funcionamento da língua portuguesa em suas diversas variedades".

Além disso, conforme destacam Agostinho et al. (no prelo),

“Um ponto que colabora para o preconceito e a consequente segregação social do português são-tomense é a própria ausência de descrições dessa variedade, pois para o preconceito ser dirimido, é preciso que se conheçam minimamente os aspectos linguísticos e sociais que dirigem os juízos de valor dos falantes são-tomenses. Se não há tal conhecimento desses fatores condicionantes, dificilmente será possível combater efetivamente o preconceito já instaurado”

Naturalmente, isso inclui as duas variedades, o português de São Tomé e do Príncipe. Dessa forma, embora realizar um trabalho de descrição linguística possa parecer algo distante ou que não represente impacto na realidade em termos práticos, é um passo que pode vir a colaborar até mesmo no processo de ensino aprendizagem de português no Príncipe, por exemplo, haja vista que conhecer a gramática da variedade pode auxiliar na escolha da metodologia utilizada em sala de aula e, naturalmente, na produção de material didático.

Embora o português seja a língua materna de 98,2% dos habitantes do país (INE, 2012), é a norma europeia que aparece nas comunicações de estado e na mídia, além de ser ensinada e exigida no sistema de ensino escolar. Ou seja, embora a população tanto do Príncipe quanto de São Tomé fale a sua própria variedade de português, ambas diferentes inclusive entre si, mas também da norma europeia, vivem uma sociedade que diariamente utiliza e legitima em instâncias oficiais apenas a variedade lusitana.

Conforme Araújo (2020),

“em que diz respeito aos professores de português, por exemplo, não é incomum encontrar no professorado são tomense uma abordagem lusitanizante da língua, com forte apego às normas escolares do português europeu e negação da existência de uma norma local.” (Araújo, 2020)

Soma-se a isso tudo o fato de que, devido a seu caráter inicial e de base, esta descrição torna-se ponto de partida para a realização de futuras, novas e aprofundadas, investigações a respeito do tema. Por fim, este trabalho pretende ir além de, unicamente, realizar uma descrição fonológica, mas busca também promover uma reflexão sobre os diversos fatores que envolvem uma língua em um contexto multilíngue, portanto de contato linguístico intenso, e fortemente marcado por questões sócio históricas, como é o caso do português em São Tomé e Príncipe.

3 OBJETIVOS

Nas subseções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho.

3.1 OBJETIVO GERAL

Descrever e analisar as vogais que ocorrem nas posições pretônica, tônica e postônica do português falado no Príncipe ou português principense.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contribuir para aumentar a visibilidade e valorização da variedade do português principense (PP).
- Aumentar o conhecimento sobre esta variedade e, a partir disso, as possibilidades de pensar na língua portuguesa como um todo.
- Contribuir para o campo dos estudos das línguas em contato.

4 SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO GEOGRÁFICA

Nesta seção, são explorados aspectos históricos e geográficos de São Tomé e Príncipe, passando por seu descobrimento e pelos períodos de sua primeira e segunda colonização.

4.1 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

São Tomé e Príncipe, oficialmente República Democrática de São Tomé e Príncipe, é um país insular localizado na região conhecida como Golfo da Guiné, no meio do Oceano Atlântico. Não possui nenhuma fronteira terrestre, estando a cerca de 300 mil metros da costa ocidental africana e de seus países mais próximos, Gabão, Guiné Equatorial, Camarões e Nigéria. Formado pelas duas grandes ilhas vulcânicas que lhe dão o nome (Ilha de São Tomé e Ilha do Príncipe) e várias outras ilhotas, divide-se politicamente em 6 distritos administrativos e uma região autônoma, a saber Água Grande, Cantagalo, Caué, Lembá, Lobata e Mé-Zóchi, além da Região Autônoma do Príncipe. Seu território total conta com 1001Km² e o torna o segundo menor país em extensão territorial da África, atrás apenas das Seychelles.

Conforme informações do site do Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe (INE), em documento publicado em 2019, a população do país em 2017 era de 197700 habitantes, sendo 97988 homens e 99712 mulheres. A maior parte de sua população, 133748 habitantes, concentra-se em áreas urbanas, enquanto 63952 em áreas rurais. A independência do país deu-se em 12 de julho de 1975 e, atualmente, o sistema de governo é semipresidencialista. Desde sua independência tardia, o português é a língua oficial do país, que conta ainda com 3 línguas nacionais, forro ou Santome, lung'le e angolar. Não há falantes de Fa D'Ambô², mas essas quatro línguas são geneticamente relacionadas (Hagemeyer, 2009; Bandeira, 2017) e serão discutidas na seção 6. Além disso, também é falado o kabuverdianu, língua crioula de base portuguesa nativa de Cabo Verde, e línguas como inglês e francês são ensinadas nas escolas.

São muitas as riquezas encontradas no arquipélago, desde sua abundância e beleza de recursos naturais e culturais, até sua incrível paisagem linguística, onde diferentes línguas estão

² O Fa D'Ambô é falado apenas na ilha de Ano-Bom ou Annobón, atualmente província da Guiné Equatorial e localizada a cerca de 180Km da ilha de São Tomé, e em Bioco, também na Guiné Equatorial.

em contato. Soma-se a isso o panorama político e sócio histórico em que STP está imerso, que evoca inúmeras questões de grande complexidade linguística, que serão melhor discutidas ao longo deste trabalho.

A Ilha do Príncipe, cuja variedade do português é o foco deste trabalho, está distante cerca de 145Km a nordeste da ilha de São Tomé e constitui uma região autônoma desde 1995. Sua área total é de 142 quilômetros quadrados, sendo a segunda maior ilha do arquipélago, ocupando 15% do território total do país. Contava, em 2017, com 8.277 habitantes, conforme dados do INE (2019), sendo 4.034 mulheres e 4.243 homens.

A biodiversidade presente na Ilha do Príncipe é impressionante e reconhecida internacionalmente, tanto é que integra a Rede Mundial de Reservas da Biosfera da UNESCO desde 2012.

4.2 DESCOBRIMENTO E PRIMEIRA COLONIZAÇÃO

Primeiramente, São Tomé era uma ilha inabitada no momento em que os portugueses ali chegaram (GARFIELD, 1992 apud BANDEIRA, 2017). Hagemeyer (2009) afirma que a descoberta das ilhas de S. Tomé, Príncipe e Ano Bom geralmente é atribuída ao ano de 1471/2. São Tomé foi a primeira, sendo povoada em larga escala apenas em 1493. A partir dela, as ilhas de Príncipe e Ano bom foram povoadas por volta de 1500 e 1503, respectivamente. Em contraste com isso, Bandeira (2017) destaca que, no que concerne às chegadas dos portugueses às ilhas de São Tomé, Príncipe e Ano Bom, não há consenso em relação às datas, que variam entre 1470 e 1478 para São Tomé, 1479 para o Príncipe e 1507 para Ano Bom.

No entanto, de acordo com Seibert (2015), o arquipélago no Golfo da Guiné ganhou relevância geoestratégica apenas depois da construção do Forte de São Jorge da Mina, em 1482 e da chegada dos portugueses ao Congo, no ano seguinte. Dentre os objetivos da colonização, conforme o autor, estavam a produção de açúcar, a instalação de um entreposto de navegação para a Ásia, a difusão do cristianismo e o estabelecimento de uma colônia de povoamento europeu. Uma primeira tentativa de povoamento de São Tomé, em 1486, não teria logrado êxito devido à insalubridade do clima e falta de alimentos. Somente no já citado ano de 1493, Álvaro de Caminha, o terceiro donatário de São Tomé, conseguiu realizar o povoamento efetivo e em larga escala da ilha. O grupo de colonos brancos levado para o local era formado por alguns voluntários, mas sobretudo por degredados e crianças judias separadas dos pais à força. Sobre isso, Brásio (1953 apud BANDEIRA, 2017) afirma que, de 2000 crianças, sobreviveram apenas

cerca de 600, entre meninos e meninas, devido às questões de salubridade nas embarcações e saúde após a chegada à ilha.

A deportação de degredados para São Tomé tornou-se uma medida frequente, já que devido à insalubridade e à longa distância poucos colonos mudavam-se voluntariamente para o arquipélago. Por isso também que o objetivo de estabelecer uma colônia de povoamento europeu falhou. Consequentemente, os brancos, em sua maioria degredados, sempre foram minoria em São Tomé e Príncipe, conforme Seibert (2015).

Ainda em conformidade com o mesmo autor, no início, a colonização apresentou muitas dificuldades devido à escassez de plantas e animais domésticos que alimentassem colonos e escravos. Por conta disso, houve vários episódios de fome até pelo menos 1499.

Conforme Hagemeyer (2009), as ilhas de Príncipe e Ano Bom foram povoadas a partir de São Tomé, nessa ordem. Também há registros de que alguns moradores e escravos se deslocaram para o Príncipe temporariamente devido à falta de alimentos. De qualquer forma, a doação efetiva da ilha ocorreu por volta de 1500 e o povoamento na mesma época ou ligeiramente mais tarde.

Já sobre a Ilha de Ano Bom, a qual foi doada em 1503, há poucas informações até a primeira metade do século XVI, exceto um documento que aponta para o ano de 1503 como provável data do início do povoamento.

Hagemeyer (2009) ainda explica que há duas fases iniciais pelas quais a ocupação de São Tomé pode ser dividida, que são a fase de habitação e a fase de plantação. A primeira delas pode ser caracterizada como um dos períodos de povoamento mais intenso, iniciado no ano de 1493. Geralmente, as pessoas chegavam nesse período por estar a serviço da coroa portuguesa ou por causa do comércio com a região da Guiné. No entanto, a maioria era degredada, indivíduos que cometeram crimes graves em Portugal e eram mandados para povoar a ilha (BANDEIRA, 2017). Essa fase, de acordo com Hagemeyer (2009), caracterizava-se por um baixo número de povoadores, essencialmente homens brancos, que recorriam à mão de obra africana, em maioria numérica, para as tarefas rurais, domésticas e de obra, já que não havia ainda uma atividade econômica de maior envergadura acontecendo na ilha.

A mão de obra vinha de escravos africanos resgatados no vizinho reino do Benim. A importação de escravos do Congo e de Angola começou na primeira década de 1500 (SEIBERT, 2015) Sobre os escravos levados a São Tomé, o autor explica que se dividiam em dois grupos, os escravos de casa e de resgate. Enquanto os primeiros ficavam na ilha de forma permanente, os segundos eram despachados como mercadoria para a feitoria da mina. A

respeito do primeiro grupo, Hlibowicka-Weglarz (2012) afirma que a permanência desses escravos devia-se aos serviços que eles prestavam diretamente para os colonizadores. Assim, esse grupo possuía mais contato com os povoadores e, por esse motivo, desempenhava papel chave no processo de criouliização. Além disso, Hagemeyer (1999) acrescenta que, como provavelmente havia uma porcentagem relativamente grande de mulheres entre os escravos do tipo doméstico, é muito sugestivo atribuir-lhes esse papel, ainda mais que a miscigenação foi sempre presente em São Tomé.

Em se tratando do segundo grupo, composto pelos escravos de resgate que foram sequestrados das zonas costeiras do litoral africano e tratados como mercadoria em diferentes negociações, a maioria deles foram utilizados como moeda de troca para a feitoria da mina, localizada na atual Gana, onde eram reexportados (HAGEMEIJER, 1999). Assim, sua permanência na ilha não deveria exceder 50 dias, mas devido à atrasos no embarque era comum que lá ficassem por vários meses. Durante esse período, os plantadores os utilizavam como mão de obra temporária para suas fazendas e eles também participavam, de alguma forma, do processo de criouliização. (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012)

Em conformidade com Bandeira (2017) e Hagemeyer (2009), através do contato entre falantes de português, em menor número, com falantes de diversas línguas de origem africana, em maior número, a fase de habitação foi propícia para a criouliização.

Hlibowicka-Weglarz (2012) afirma que, com o tempo, os portugueses perceberam como o tráfico de escravos era rentável e, a partir de 1500, começaram aos poucos a adquirir os direitos do tráfico, para em 1515 tornarem-se de intermediários a detentores dos direitos exclusivos. Isso significava que, a partir de então, todo o tráfico de escravos do Golfo da Guiné passava obrigatoriamente pelas ilhas, (HAJEMEIGER, 1999) A posição da ilha como entreposto de escravos foi ganhando terreno a partir de 1500 e cresceu rapidamente, até ter se tornado o que o autor chama de um grande entreposto atlântico, abastecendo não só o mercado de Lisboa, mas também sociedades coloniais emergentes nas Américas, a partir de 1530. Isso até perder sua importância como entreposto em meados do século XVII, devido à emergência de Luanda como principal mercado do tráfico transatlântico (SEIBERT, 2015) Depois de Cabo Verde, São Tomé foi o segundo território onde africanos e europeus conviveram permanentemente.

Diante da escassa migração europeia e da alta taxa de mortalidade dos brancos nos trópicos, a coroa promoveu uma prática nada comum. A união forçada de escravas africanas e colonos a fim de garantir a colonização nas ilhas. Em consonância com Bandeira (2017), desde o fim do século XV, os condenados em São Tomé recebiam, cada um, sob decreto régio, uma

mulher escrava. Anos depois, em 1515, o rei Manoel concedeu liberdade a essas mulheres dadas aos condenados e os filhos advindos dessa união. Dois anos depois, um decreto real libertou também os escravos que vieram com os primeiros colonos (SEIBERT, 2015). Essas últimas medidas trouxeram, como consequência, a formação de um novo estrato social: um segmento que, outrora escravo, agora se torna livre e detentor de status (FERRAZ, 1979 apud BANDEIRA, 2017). Ao longo do tempo, a alforria resultante da vontade individual dos senhores foi responsável pelo crescimento do grupo dos escravos libertos, chamados de forros. Como o número de brancos nunca foi muito grande, não mais do que 500, forros e mestiços passaram a ser a maioria da população livre. Com o tempo, os mestiços ganharam o direito de assumir cargos. Nessa fase da formação da sociedade colonial, ainda conforme Seibert (2015) formou-se uma elite de mestiços, que rivalizava com os europeus residentes, ao mesmo tempo em que tentava impedir a ascensão dos forros.

A partir de 1515, inicia-se a fase de plantação com o cultivo da cana de açúcar. Foi o início de um tipo de produção agrícola em larga escala no modelo plantation, baseado em trabalho escravo, monocultura e exportação. Em meados do século XVI, São Tomé era o principal produtor mundial de açúcar. Mas, enquanto o tráfico de escravos continuou por mais um bom tempo, a produção de cana de açúcar entrou em declínio em 1580 (SEIBERT, 2015) sendo que no século XVII a produção de açúcar desapareceu em São Tomé. Assim, a escravidão doméstica tornou-se mais comum, com o fim das grandes fazendas. Foi diminuindo até acabar completamente em 1850 e, oficialmente, ser proibida em 1875. Conforme São Tomé foi perdendo importância econômica, a presença de brancos na ilha tornou-se insignificante, o que causou uma reafirmação da elite crioula, com a diluição da classe de mestiços na classe dos forros. (SEIBERT, 2015).

4.3 SEGUNDA COLONIZAÇÃO

A partir do fim do século XVIII e princípio do século XIX, tem início o segundo ciclo econômico ou Ciclo do cacau e do café. Com ele, iniciou-se também a segunda colonização das ilhas (HAJEMEIGER, 2009; SEIBERT, 2015) Reascendeu-se, então, o interesse dos portugueses por São Tomé, com o reestabelecimento da economia de plantação, o que causou mudanças consideráveis na hierarquia política e social das ilhas. Ademais, o cenário era de crise trabalhista, com a abolição da escravatura e formalização jurídica da condição dos libertos.

No fim do século XIX, conforme Seibert (2015), o cacau ultrapassara o café em número de exportações, tornando-se uma monocultura. Mesmo com as sucessivas quedas que a produção sofreu ao longo dos anos, sempre representou mais de 90% das exportações agrícolas do arquipélago, até hoje. São Tomé chegou a ser o maior produtor mundial de cacau por um período, até a produção começar a cair em 1918, devido a diversos fatores, como a infestação de pragas nos cacauzeiros.

No início da expansão das roças de café e cacau, a mão de obra era escrava. Muitos desses escravos foram importados clandestinamente da região do Gabão, muitos vinham também de Angola, já que mesmo depois da proibição do tráfico negreiro era possível transferir um certo número de escravos de uma colônia para a outra. Conforme uma lei aprovada em 1875, a abolição da escravatura no império colonial português estava prevista para o próximo ano. Ao saber disso, os escravos em São Tomé deixaram as roças e manifestaram-se na cidade para que a escravatura chegasse ao fim imediatamente. Perante a revolta, o então governador Gregório Ribeiro (1873–1876) cedeu às demandas e aboliu a escravatura com efeito imediato (SEIBERT, 2015)

Os escravos recém-libertos recusaram-se a retornar às plantações em regime assalariado, o que causou uma crise braçal. Então, os portugueses logo os substituíram por trabalhadores contratados. Inicialmente, os roceiros recrutaram os serviçais também no Gabão, em Adra (Daomé), na Costa do Ouro e na Libéria, mas depois de 1879 exclusivamente em Angola. O recrutamento de serviçais de Cabo Verde e de Moçambique começou apenas em 1903 e em 1908, respectivamente. (SEIBERT, 2006 apud SEIBERT, 2015)

Gonçalves & Hagemeyer (2015) destacam que, naturalmente, a chegada de tantas novas pessoas causou grande reviravolta social, tanto que os contratados já representavam cerca de metade da população em 1870. Esse cenário também ocasionou o aumento da presença de portugueses no arquipélago. SEIBERT (2015) afirma que do início do século XX até aos anos 1940, os contratados africanos ultrapassaram em número a população nativa. Esse número diminuiu com a queda na produção do cacau, mas o contrato dos serviçais que deveria durar apenas 5 anos, era muitas vezes prorrogado por tempo indeterminado, em condições análogas à escravidão.

5 CONTATO LINGUÍSTICO E A SITUAÇÃO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Esta seção traz informações sobre o fenômeno do contato linguístico e as línguas faladas em São Tomé e Príncipe atualmente, assim como uma discussão sobre as relações entre

elas. Na subseção 5.1, são apresentadas algumas noções gerais sobre contato linguístico, pidgins e línguas crioulas. Na 5.2, são dadas informações sobre as línguas faladas em STP atualmente. Também são discutidos aspectos das línguas crioulas autóctones faladas no arquipélago de forma geral, além de detalhes sobre o contexto de seu surgimento. Já na subseção 5.3, ganha destaque a relação entre essas línguas e o papel do português, enquanto única língua oficial. Terminando por discutir, na subseção 5.3.1 a singularidade do português de São Tomé e Príncipe.

5.1 CONTATO LINGUÍSTICO, PIDGINS E LÍNGUAS CRIOULAS

O estudo do fenômeno das línguas em contato como um campo independente na linguística pode ser considerado recente, mas está em pleno crescimento e tem ganhado seu próprio espaço em diversas discussões. Mesmo assim, ainda parece difícil de delimitar o contato linguístico enquanto objeto de pesquisa, já que naturalmente pode envolver diversas outras áreas, dentro e fora da linguística.

De acordo com Thomason (2010) a mera justaposição de falantes de diferentes línguas ou de dois textos em diferentes línguas é trivial demais para ser considerada contato linguístico, já que, a menos que haja alguma forma de interação, não há troca de características linguísticas para nenhum dos lados. Apenas quando há alguma interação surge a possibilidade de uma explicação por contato para a variação sincrônica ou mudança diacrônica. Na definição mais simples, contato linguístico é o uso de mais de uma língua no mesmo lugar e ao mesmo tempo (THOMASON, 2010), no entanto, a autora aponta que reconhecer algumas situações óbvias de contato linguístico é fácil, mas defini-lo com precisão é uma tarefa mais difícil por vários motivos.

Conforme a autora, certamente, línguas estão em contato desde o início da humanidade ou bem próximo disso. Inclusivamente, o contato linguístico ocorre em todos os lugares,

Não há evidência de que alguma língua tenha se desenvolvido em total isolamento, mas também é natural que ocorra com mais intensidade em alguns lugares e momentos do que em outros. Thomason (2010) aponta que ao longo de toda a história humana, a maior parte do contato linguístico tem ocorrido pessoalmente e a maioria das pessoas envolvidas tem um grau não trivial de fluência em ambas as línguas. No entanto, existem outras possibilidades, especialmente no mundo moderno, com a comunicação massiva e viagens a nível mundial. Agora, muitos contatos ocorrem apenas através de linguagem escrita.

O resultado mais comum do contato linguístico, ainda de acordo com Thomason (2001), é a mudança em alguma ou todas as línguas. Tipicamente, mas não sempre, pelo menos uma das línguas exercerá influência em pelo menos uma das outras. A influência mais comum é o empréstimo de palavras, mas todas as estruturas linguísticas estão sujeitas à transferência de uma língua para a outra, dada a mistura certa de influências linguísticas e sociais. Outros resultados comuns do contato linguístico são o desaparecimento de línguas ou morte linguística e a substituição completa de uma língua em detrimento de outra. Outro resultado possível é o surgimento de pidgins e línguas crioulas. Tendo isso posto, “A conclusão é clara: contato linguístico é a norma, não a exceção” (THOMASON, 2001).

Sobre pidgins, Bakker (1995) explica que são línguas que derivam lexicalmente de outras, mas com estrutura simplificada, especialmente a morfologia. Surgem quando indivíduos precisam se comunicar, mas não possuem nenhuma língua comum.

Pidgins, de acordo com o autor, são sempre simplificados em relação à língua lexicadora, mas nem todas as línguas simplificadas são pidgins. O termo também não deve ser confundido com uma versão errada de uma língua. Uma definição de pidgin deve incluir o fato de que precisa ser aprendido, possui normas estruturais e, portanto, uma pessoa pode falar pidgin mais ou menos bem. Além disso, é necessário haver dois ou mais grupos linguísticos, que fazem uso do pidgin. Seu uso, ademais, está muitas vezes limitado a situações específicas.

Como já mencionado, tipicamente, pidgins surgem em situações de contato linguístico em que as pessoas precisam se comunicar, mas não falam a língua umas das outras. Essas situações podem envolver colonização, exploração, comércio ou situações de força de trabalho multilíngue. As diferentes situações podem produzir resultados linguísticos diferentes.

Pidgins podem ser classificados de acordo com a situação social em que são usados com mais frequência, conforme Bakker (1995) essa classificação poderia ser de pidgins náuticos ou marítimos, pidgins de comércio, contato linguístico interétnico e pidgins de força de trabalho.

Por fim, pidgins desaparecem naturalmente quando o contato deixa de existir, muitas vezes sem deixar traços, mas também podem se estender por longos períodos. Podem, até mesmo, não desaparecer em alguns casos e tornar-se estáveis ou pidgins estendidos (BAKKER, 1995)

Uma língua crioula, por sua vez, de acordo com Muysken & Smith (1995), pode ser definida como uma língua que passou a existir a partir de um ponto no tempo que pode ser estabelecido de forma razoavelmente precisa. Para o autor, é bastante claro o fato de que as línguas crioulas surgem como resultado de violência linguística e, frequentemente, também

outros tipos de violência. Embora haja muitas controvérsias nos estudos crioulisticos, o autor afirma que, antes de chamar uma língua de língua crioula, é preciso conhecer algo sobre sua história linguística ou social, preferencialmente ambas.

A partir disso, é possível constatar que São Tomé e Príncipe, sendo um país multilíngue, está imerso em um contexto diário e sincrônico de contato linguístico, parte constituinte e constituída a partir dos aspectos sócio históricos e políticos de sua colonização.

Segundo Myers-Scotton (2002 apud AGOSTINHO, 2015) são necessários alguns ingredientes sócio-históricos básicos para a formação de pidgins e crioulos: primeiramente, falantes de línguas ininteligíveis entre si devem ser colocados, lado a lado, num sistema plantation isolado. Com a necessidade de se comunicar, faz-se necessária uma língua franca, no entanto nenhuma das línguas dos escravos tem número de falantes suficiente para ser escolhida como tal, ou não há um grupo majoritário com prestígio suficiente para impor sua língua como franca. Dessa maneira, a outra opção seria a língua dos colonizadores, que contava com maior prestígio. Como os escravos não passavam muito tempo com os colonizadores, não tinham muitas oportunidades para adquirir a língua, ou seja, a transmissão era frequentemente irregular. Dessa forma, o objetivo era criar uma língua para ampliar a comunicação.

Em resumo, “Esses ingredientes, somados ao ambiente 'ilha' e à violência do sistema escravista, onde havia pouca chance de movimentação dos indivíduos, e às imposições linguísticas e culturais do colonizador, bem como à multiplicidade linguística e criatividade dos falantes, tornaram STP um cenário perfeito para o surgimento de línguas crioulas.” (AGOSTINHO, 2015)

5.2AS LÍNGUAS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Conforme Balduino (2018), "O arquipélago apresenta grande riqueza de recursos naturais, culturais, étnicos e, também, grande variedade linguística. STP é reconhecido por seu caráter multilíngue, onde diferentes línguas convivem e mantêm-se em contato." (BALDUINO, 2018). Devido ao contexto de colonização brevemente exposto a cima, houve muitas situações peculiares de contato linguístico no arquipélago, gerando um ambiente propício para o surgimento de línguas crioulas. Em princípio, surgiu uma língua emergencial, do contato e da necessidade de comunicação de colonos e escravos que, expandida, deu origem ao Proto Crioulo do Golfo da Guiné (PCCG). A partir disso, surgiram quatro línguas autóctones e geneticamente relacionadas (AGOSTINHO, 2015), santome ou forro, Lung'Ie, Angolar e fa

D'Ambô. Atualmente, as três primeiras são faladas em São Tomé e Príncipe, com estatuto de línguas nacionais, enquanto a última é falada nas ilhas de Ano Bom e Bioko, na Guiné Equatorial. Embora aparentadas, essas línguas são ininteligíveis entre si (AGOSTINHO, 2015)

De acordo com Gonçalves & Hagemeijer (2015), “A segunda colonização pode ser considerada o início de uma profunda alteração da situação linguística, em que o português começa a interromper o domínio das línguas crioulas e se consolida a L1 dominante.” As escassas referências sobre a situação linguística de São Tomé anteriores ao século XX mostram que, até o início da segunda colonização, o que predominava eram as línguas crioulas. Até porque, até então, o número de portugueses nas ilhas não era muito grande. Conforme os poucos registros disponíveis, a utilização do português parecia estar restrita a contextos de relação direta com o regime colonial, havendo poucos falantes de português como língua materna nesse momento. Além disso, a diversidade linguística já existente ampliou-se com a chegada de pessoas de diversos lugares a partir da segunda colonização, como já mencionado. Destacam-se as línguas do grupo Banto, como o umbundo e o crioulo de Cabo Verde, sendo que este último ainda é amplamente falado nos dias atuais. Naturalmente, os contratados também não sabiam o português, mas devido ao contexto em que estavam, acabavam por adotar essa língua como L2, em vez do forro. Desse contato, emergiu uma variedade chamada de português dos Tongas.

“Devido a todas as alterações que a independência desencadeou, hoje não restará muito do português dos tongas, mas o seu legado linguístico contribuiu para o que é hoje a variedade de português de São Tomé e Príncipe.” (GONÇALVES & HAJEMEGER, 2015) Os autores ainda destacam que, mesmo que nessa época o acesso ao português fosse limitado para a maioria dos são tomenses, não saber falar a língua era considerado bossal. Falar as línguas crioulas chegou a ser proibido durante o regime chamado de Estado Novo, por serem consideradas uma ameaça. A elite urbanizada que tinha acesso ao português, mesmo notadamente bilíngue, optava por se comunicar em português para promover uma maior integração no regime. (GONÇALVES & HAJEMEGER, 2015)

Atualmente, conforme dados do último censo que trouxe a questão das línguas faladas (INE, 2012), o português é a língua mais falada, seguido do Santome, kabuverdianu, outras línguas, angolar e, como língua menos falada, o lung'ie. Sobre esta última, Agostinho (2015) afirma que há mais falantes nativos de kabuverdianu do que de lung'ie na Ilha do Príncipe, havendo, inclusive, inúmeros falantes monolíngues. A categoria outras línguas pode incluir o inglês e francês que, embora presentes no censo, contam com o status de línguas estrangeiras. São parte do currículo escolar, mas são empregadas em poucos momentos no cotidiano dos

falantes (BALDUINO, 2018; SILVEIRA, 2013). Os dados dos censos serão retomados na próxima seção.

A respeito da realidade das línguas faladas no arquipélago, Agostinho (2015) verificou em trabalho de campo que o santome tem se tornado a língua crioula mais falada, mesmo pelos outros grupos minoritários, mas é cada vez menos aprendida como língua materna, papel desempenhado pelo português. O angolár é falado por cerca de 5 mil pessoas, majoritariamente no distrito de Caué. Em relação ao lung'Ie, por sua vez, a autora pôde constatar que é falado por apenas cerca de 200 pessoas, com nível de competência variado, geralmente com mais de 60 anos. Não há falantes monolíngues. “É certo, todavia, apontar que o lung'Ie, como língua materna, possui uso muito restrito e está limitado à população da Ilha do Príncipe” (AGOSTINHO, 2015).

Em suma, São Tomé e Príncipe é um país multilíngue, em que as línguas locais, juntamente com as outras línguas e o português compõe uma ecologia linguística de grande complexidade e fortemente marcada por profundas questões sócio históricas e de contato linguístico.

5.3 LÍNGUAS CRIOULAS E O PAPEL DO PORTUGUÊS

A presença do português em São Tomé e Príncipe remonta ao final do século XV, período da descoberta e da primeira colonização das ilhas. Conforme dados de Hagemeyer (2009) em um primeiro momento, os escravos do primeiro povoamento eram provenientes da área do Delta do Níger, atual Nigéria, já que Portugal mantinha laços diplomáticos e comerciais com o Reino de Benin. Em seguida, em razão da necessidade de mão de obra abundante para os engenhos de cana de açúcar, foram levados escravos também provenientes de Angola e do Congo. Como resume Gonçalves (2016), Neste sentido, no século XV confluíram em São Tomé escravos oriundos de regiões onde se falavam (e falam) línguas edóides, bem como de regiões onde se falavam (e falam) línguas bantas, nomeadamente variedades do quicongo e do quimbundo. Foi a partir do contato entre esses grupos de escravizados, com suas línguas maternas tipologicamente diferentes e os portugueses, além da necessidade imediata e emergencial de comunicação que surgiu um pidgin. Este pidgin, tendo se expandido e nativizado na ilha, deu origem ao Proto-Crioulo do Golfo da Guiné (PGG) (HAGEMEIJER, 1999, 2009; GONÇALVES, 2016; BANDEIRA, 2017)

Apesar de sua origem comum, estas línguas são independentes. Conforme Hagemer (2011 apud GONÇALVES, 2016), a despeito da evidente partilha lexical e estrutural, sua inteligibilidade mútua hoje é limitada, devido tanto à separação no tempo e espaço, quanto às mudanças internas e externas que cada uma delas sofreu após se separar do tronco comum. Em relação a isso, Agostinho (2015) atesta que As quatro línguas, embora aparentadas, são atualmente ininteligíveis entre si.

É preciso lembrar que o contexto multilíngue em que São Tomé está imerso também é um cenário em que uma língua oficial, o português, convive com línguas minoritárias, as línguas autóctones das ilhas. De acordo com Balduino (2018) “A convivência dessas línguas cria um contexto social e ecolinguístico complexo, no qual questões como standardização interferem de modo direto no emprego linguístico, ocasionando o aumento do português falado como L1 e a paulatina diminuição no processo de aquisição das demais línguas como maternas” (BALDUINO, 2018).

Em consonância com Trask (2011 apud BALDUINO, 2018), considera-se oficial, a língua responsável pela documentação de questões burocráticas de um determinado país. Sua escolha, de forma generalizada, é feita pelo governo e decorre de diversos fatores relacionados ao prestígio, à estabilização da escrita e à unificação nacional que essa língua pode ou não proporcionar.

No caso de São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa é empregada em todas as comunicações de Estado, na educação e na mídia (ARAUJO & AGOSTINHO, 2010). Também, conforme Balduino (2018), representa a língua de status social elevado na comunidade santomense, desde o período colonial. Tal prestígio encontra suas bases não só em sua origem colonial europeia herdada, mas também em sua longa e estável tradição escrita. (BALDUINO, 2018) Além disso, ainda atua como forma de comunicação mais neutra diante da diversidade linguística presente no país. Sendo, portanto, elemento unificador em uma sociedade plural (ARAUJO & AGOSTINHO, 2010).

Língua minoritária, por sua vez, é toda língua falada como materna por um povo em um país cuja língua oficial ou nacional é outra (TRASKS, 2011 apud BALDUINO, 2018) é nessa categoria que se encaixam as outras línguas faladas em STP.

Ainda de acordo com a autora, só o fato de existir uma língua responsável por toda burocracia do país, amplamente usada e divulgada como língua comum, já exerce forte pressão sob as demais línguas. Em STP, torna-se cada vez mais interessante aos falantes aprender o português, já que seu emprego converte-se em melhores oportunidades de crescimento econômico e pessoal.

Todos esses fatores levaram a um crescimento notável do português ao longo dos anos, como pode ser constatado na Figura 1 a baixo, retirada de Balduino (2018), confrontando o número de falantes de cada língua entre dados do censo de 1981 a 2012.

Figura 1 – Distribuição por número de falantes por língua

Censo	Português	Santome	Lung'le	Angolar	Kabuverdianu	Outras
1981	60.519	54.387	1.533	-		8.180
1991	94.907	69.999	1.558	-	-	12.781
2001	136.085	99.621	3.302	-	-	17.612
2012	170.309	62.889	1.760	1.217	14.725	4.224

Fonte: Balduino (2018)

Antes de observar os dados da Figura 1, é preciso se atentar a algumas questões importantes. A primeira delas é que o censo de 2012 é mais detalhado e traz o angolar e o kabuverdianu separadamente, enquanto os censos anteriores, ou seja, de 1981, 1991 e 2001, as consideram na categoria outras línguas. Embora os dados tragam um panorama geral da situação das línguas em STP, ainda não são ideais, como aponta Silveira (2013), haja vista que não apresentam uma diferenciação nos dados entre aquisição das línguas como língua materna ou segunda língua. Balduino (2018) ressalta ainda que, devido às questões associadas à prestígio social que podem ocorrer ao utilizar determinada língua em um contexto multilíngue, muitos falantes não se autodeclaram falantes das línguas autóctones, mesmo podendo empregá-las. Cabe dizer ainda que o último censo publicado (INE, 2019) não apresenta nenhum dado sobre as línguas faladas no arquipélago.

De forma geral, o português é a língua mais falada em São Tomé e Príncipe, com 170309 falantes. É notável seu crescimento nos últimos 20 anos, intervalo em que o número de falantes praticamente dobrou.

Bandeira (2017) aponta para o fato de que, até o ano da independência, 1975, as línguas nacionais correspondiam à língua materna da maioria da população, o que mudou no período colonial, com a ascensão do português. A tendência para a nativização do português, de acordo com Gonçalves & Hagemeijer (2015), está relacionada com fatores como a escolha do português como língua oficial exclusiva, à massificação da escolarização em português e a mobilidade social, já que, de língua das elites, o português tornou-se língua de todos os contextos sociais da maioria dos são-tomenses.

Assim, as línguas autóctones, de menor prestígio, têm seu número de falantes diminuído a cada geração e ainda são tímidas as políticas governamentais que privilegiem a

valorização dos crioulos presentes no país. (SILVEIRA, 2013) Sobre isso, Gonçalves & Hagemeyer (2015) afirmam que a atual hegemonia do português nas ilhas é também promovida pela ausência de uma política linguística pró-línguas crioulas. Mesmo que a questão das línguas nacionais tenha surgido muitas vezes, não foram desenvolvidas estratégias concretas e duradouras. “Desta forma, a estigmatização dos crioulos, herdada do tempo colonial, não foi devidamente ultrapassada, impedindo, em definitivo, a construção de uma identidade crioula ligada às línguas crioulas” (GONÇALVES & HAJEMEIGER, 2015) Ademais, Araujo (em preparação) destaca que, mesmo com a boa vontade de seus agentes políticos, o governo de São Tomé e Príncipe têm condições limitadas para implantar políticas linguísticas, já que essa se torna uma preocupação menor perante os outros problemas que o país enfrenta.

Assim, “Por todas estas razões, São Tomé e Príncipe é hoje a ex-colônia portuguesa onde se regista o maior número de falantes nativos do português, o que significa também que todos os crioulos autóctones de São Tomé e Príncipe estão ameaçados” (GONÇALVES & HAJEMEIGER, 2015).

Isso se confirma através da análise dos dados dos últimos censos mencionada a cima, (BALDUINO, 2018; SILVEIRA, 2013), nos últimos anos, nota-se uma queda significativa no emprego das línguas autóctones, em decorrência do aumento da aquisição da língua portuguesa como L1. Soma-se a isso a falta de transmissão Inter geracional dessas línguas, isto é, no geral há uma resistência por parte dos adultos em oferecer as línguas autóctones como input às crianças, pois assumem que se assim o fazem, a aquisição da língua portuguesa será atrapalhada (AGOSTINHO, 2015). Ainda de acordo com a autora, os locais da Ilha do Príncipe contam que seus pais e avós falavam em lung’le, mas as crianças sofriam abusos físicos e psicológicos caso não respondessem em português.

Em síntese, uma série de fatores sociais e políticos que ocorrem nas ilhas ao longo dos anos são responsáveis por um processo em que o português assume o lugar de primeira língua, enquanto as línguas crioulas autóctones deixam de ser transmitidas como línguas maternas e, conseqüentemente, de ser faladas pelas gerações mais jovens. Por conseguinte, todas as línguas autóctones de São Tomé e Príncipe estão ameaçadas e podem desaparecer.

5.3.1 O português de São Tomé e Príncipe

Retomando mais uma vez os dados do último censo que tratou sobre as línguas faladas em STP, o português, em 2012, era falado por mais de 90% da população (INE, 2012) sendo, de longe, a língua mais falada no arquipélago. "Todavia, o input disponível para o português é

originário de variedades interlinguísticas de português L2, fato que contribui para a formação de uma variedade distinta daquela considerada padrão" (SILVEIRA, 2013.) Outrossim, como também apontam Silveira (2013); Balduino (2018) a norma padrão de prestígio é o português europeu. Norma esta que, conforme Araujo & Agostinho (2010) é a que circula na imprensa, nas comunicações oficiais e cujo domínio é o objetivo do sistema escolar. "Entretanto, o português prestigioso que constitui a língua-alvo da população de STP, por conferir capital simbólico e status social, não corresponde às variedades faladas no país, mas é ainda o PE" (BALDUINO, 2018).

No entanto, como atesta Silveira (2013) em relação ao sistema de ensino em São Tomé, o aprendizado da variedade de prestígio nos distritos periféricos é precária, não só pela baixa qualidade do ensino, como também pela falta de uma especialização e preparo profissional. O autor explica que, na capital, localiza-se o Liceu Nacional, onde atuam grande parte dos professores provenientes de Portugal. Essa também é a única escola oficial que oferece formação a nível de ensino médio. Enquanto isso, nas localidades mais distantes da capital, a maior parte dos professores designados para dar aula são os recém formados no ensino médio, os quais não dominam a norma culta lusitana.

Ademais, de acordo com Agostinho et al. (no prelo) o fato de os livros didáticos distribuídos nas escolas seguirem a norma portuguesa europeia, ainda que estudantes e professores sejam falantes de outra norma, gera problemas incalculáveis para o ensino de português como língua materna no país. As autoras explicam que as diferenças estruturais entre as variedades, santomense e europeia, terminam por gerar uma falsa dicotomia entre certo e errado. Assim, o correto e incorreto são eleitos como únicos critérios para o tratamento da variação. "Por conseguinte, a variedade-padrão, prescritiva, é imposta como referencial exclusivo para todas as circunstâncias de interação. Tal imposição cria uma espécie de conflito entre a língua de fato ensinada na escola, a variedade-padrão europeia, e o dialeto social que o aprendiz domina, de acordo com sua origem sociocultural, o que colabora para a perpetuação do preconceito linguístico (CAMACHO, 2011 apud AGOSTINHO et al.no prelo).

Em suma, a língua portuguesa é inegavelmente a língua mais falada e promovida no arquipélago, inclusive por meios oficiais. No entanto, a variedade elegida como alvo e carregada de prestígio social ainda é o português europeu, o que gera uma série de problemas, haja vista que é uma variedade distinta daquela corrente no cotidiano dos falantes. Tanto em São Tomé quanto no Príncipe, emergem variedades próprias da língua portuguesa, a partir do

uso e também do contato com as línguas locais. Alguns aspectos de ambas as variedades são explorados nos trabalhos apresentados na próxima seção.

6 TRABALHOS PRÉVIOS

Como já discutido anteriormente, ainda não são muitos os trabalhos desenvolvidos na área da fonética e fonologia, assim como nas outras áreas da linguística, abordando as variedades do português de STP. Esta subseção dedica-se a expor brevemente estes trabalhos publicados sobre as duas variedades de forma separada, respectivamente nas subseções 6.1 e 6.2, além de trabalhos comparativos entre as duas, na subseção 6.3. Depois, é apresentado um breve panorama dos estudos sobre as vogais no português brasileiro e europeu, na subseção 6.4.

6.1 PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

Em relação à variedade de português de São Tomé, Silveira (2013) investiga a realização do ditongo no português vernacular de São Tomé (PVST), por meio da sociolinguística variacionista. Busca verificar, mais especificamente, os ditongos orais realizados nessa variedade e a ocorrência de processos de monotongação, assim como os fatores linguísticos e extralinguísticos que possam influenciar esse fenômeno. O autor destaca a singularidade do português vernacular são-tomense em relação ao PB e PE. Conforme o autor, o quadro vocálico do PST é formado por 7 vogais em contexto de tônica, [i, u, e, o, a, E, O], o que o afasta do PE e aproxima do PB. No tocante à pretônica, Silveira (2010 apud SILVEIRA, 2013) afirma que no PST 5 vogais ocupam essa posição, sendo as mesmas que no PB, [i, u, o, e, a]. No entanto, as vogais médias altas podem sofrer alçamento e serem realizadas como [i, u]. A respeito do alçamento vocálico nessa variedade, Silveira (2013) aponta que esse processo está ligado à faixa etária dos falantes, sendo os mais jovens os que mais o realizam, o que sugere uma mudança em curso. Dessa forma, o autor argumenta que o quadro da pretônica em PST tende a um conjunto de apenas 3 vogais, [i, u, a].

Na postônica não final também ocorre o alçamento das vogais médias altas, de acordo com o autor. Assim, o PST apresenta 3 vogais nessa posição, [i, u, a]. Em contexto de postônica final, a exemplo do PB e PE, apenas 3 vogais ocorrem, todas realizadas de forma reduzida, [I, U, ɐ].

Em relação aos ditongos do PST, o autor, a partir da análise de um corpus com 3017 palavras que possuem ditongos em sua forma subjacente, constata que houve monotongação em 49% dos dados.

Também a partir de uma perspectiva sociolinguista, Bouchard (2017) analisa a emergência da variedade são tomense do português em relação às outras variedades, investigando os róticos e a expressão do pronome sujeito. A autora também busca entender os fenômenos linguísticos estudados através de um viés social e ideológico, promovendo discussões sobre a inter-relação entre etnicidade, hierarquias sociais, poder político e laços de parentesco na sociedade São-tomense, a fim de tentar entender as mudanças e escolhas linguísticas encontradas no arquipélago, especialmente o processo de passagem de português como segunda língua para português como língua materna.

Os resultados apresentados por Bouchard (2017) mostram que o uso dos róticos em PST constitui uma característica inovadora, que distingue essa variedade de outras variedades do português, como o PB e o PE. A autora revela que alguns falantes produzem a consoante vibrante alveolar [r] em posições dentro da palavra que são impossíveis em PE ou PB. Soma-se a isso o surgimento da fricativa uvular vozeada [R\] como uma variante que claramente distingue duas gerações de são-tomenses, os com menos de 39 e os com mais de 40 anos, ou os nascidos antes ou depois da independência do país, um importante marco na história de STP e na identidade nacional. A autora sugere que o fato de os nascidos após a independência usarem com maior frequência essa variante está ligado à construção de uma identidade são-tomense, uma forma de distinguir o próprio português do europeu, utilizado pelos ex-colonizadores. Mesmo que entre os são-tomenses haja uma ideia pejorativa que cerca o uso da fricativa uvular vozeada [R\], o que envolve muitas questões de identidade nacional.

Ainda sobre róticos, Brandão et al. (2017) tratam de seu comportamento a partir da teoria da variação e mudança, discutindo as restrições sociais e estruturais que condicionam o uso das variantes de R em posição de onset e coda silábica.

Os resultados apresentados pelos autores indicam haver diferenças entre a norma emergente do PST e a do PE, ensinada nas escolas. Enquanto no PE o tepe [4] é o padrão em posição de onset em meio de palavra e coda em meio de palavra, no PST o tepe [4] é a variante mais produtiva em qualquer posição, incluindo onset em início de palavra e onset em meio de palavra. Sendo que nas últimas duas posições também foi encontrada ocorrência da vibrante alveolar [r]. Também foi encontrado o apagamento do segmento rótico em posição de coda em

final de palavra para o PST (assim como ocorre em PB), enquanto em PE há a realização do tepe [4].

Ademais, os autores também apontam para a aparente inexistência de oposição fonológica entre r forte e r fraco em contexto intervocálico no PST.

Braga (2018) descreve e analisa aspectos prosódicos do português de São Tomé, especificamente o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras, no que tange à associação de eventos tonais e à formação de domínios prosódicos. Para tanto, utiliza-se dos construtos teóricos da fonologia entoacional autosegmental métrica e da fonologia prosódica.

A partir da análise de dados de fala controlada e fala espontânea, a autora verifica que o PST apresenta muitas características entoacionais que o afastam da variedade de português falada em Lisboa (SEP) e que o aproximam das variedades do norte de Portugal (NEP) e do Alentejo (ALE), assim como do português falado no Brasil (SP, RJ, MG, BA, RS) e ainda mais do português de Guiné-Bissau (PGB), variedade também africana de português.

Estas constatações vão ao encontro da hipótese inicial da autora, de que o PST é uma variedade distinta do PE standard do ponto de vista entoacional, mesmo que esta seja a variedade considerada de prestígio em São Tomé.

Ancorando-se na teoria da variação e mudança, Gomes (2018) observa o comportamento das vogais postônicas não finais no português de São Tomé, confrontando-o com o que se sabe sobre o PB e PE, além do forro. Ao mesmo tempo também investiga se, a partir disso, é possível propor um continuum afro-brasileiro no comportamento das postônicas mediais dessa variedade.

Para tanto, foram analisados no total 487 dados, advindos de 12 inquéritos da localidade de São Tomé, obtidos junto ao projeto variedades do português (VAPOR) da Universidade de Lisboa. Foram postuladas variáveis tanto linguísticas quanto sociais para a análise.

Como resultados, a autora aponta que o apagamento da vogal postônica não final é um processo produtivo no PST (34%), condicionado por fatores linguísticos e sociais, sendo eles natureza do seguimento precedente e classe morfológica do vocábulo, escolaridade e frequência de uso de um crioulo, respectivamente. No tocante ao comportamento das vogais médias postônicas não finais nessa variedade, Gomes (2018) afirma que os indícios apontam que, no conjunto de dados analisados, o português de São Tomé apresenta variação entre a vogal média e a alta no âmbito da série anterior (/e/ – [e] ~[i]), em favor da manutenção da vogal média e implementação da regra de alteamento na série posterior (/o/ – [o]). Já com relação a ideia de um continuum afro-brasileiro para os processos, a autora considera que talvez não seja possível

afirmar que o PST, em ambos, estaria se aproximando do PB ou PE. Além disso, em função da influência do crioulo Forro, tende muito mais a aplicar processos de elisão de segmentos, em uma tentativa de regularizar os itens com mais de duas sílabas ao padrão dissilábico, diferentemente das duas outras variedades.

Ainda no âmbito dos estudos sobre o sistema vocálico do português de São Tomé, Nascimento (2018) descreve o vocalismo pretônico na variedade urbana do PST, buscando entender, através da teoria da variação e mudança, a interferência de aspectos como os processos de redução e harmonização vocálica, de fatores sociais e do forro, língua crioula mais falada na ilha, na aplicação da regra de elevação. Compara, então, a variedade atuante em São Tomé com os estudos sobre o PB e PE, na intenção de investigar se o objeto de estudo em questão faz parte de um *continuum* afro-brasileiro, afro-europeu ou ainda se representa um sistema único.

O corpus é constituído de 11179 ocorrências, retiradas dos inquéritos do projeto Variedades do Português (VAPOR) da Universidade de Lisboa, e conta com 17 falantes, residentes de São Tomé. Foram postuladas variantes sociais e estruturais.

Como resultados, a autora aponta que, em linhas gerais, a investigação da aplicabilidade da regra de elevação de /e/ e de /o/ apresenta baixos índices, o que demonstra uma maior tendência a manutenção do timbre médio na fala de São Tomé. Mesmo constatando uma influência maior de motivações estruturais, a autora não desprezou o perfil social e o contato dos entrevistados com o crioulo majoritário. As quatro variáveis extra linguísticas foram consideradas influentes na elevação de /e/ e de /o/. Quanto menor o contato com o forro, maiores os percentuais de elevação, sugerindo alguma relação com o português. Os níveis de elevação também são mais frequentes quanto mais elevados é o nível de escolaridade dos informantes.

Sobre a possibilidade de um *continuum*, a autora considera que as evidências permitem inserir o PST em um *continuum* afro-brasileiro. Nesse *continuum*, o português europeu estaria em um extremo cujas normas são a elevação e a redução vocálica, ao passo que o português do Brasil estaria em outro, cuja manutenção é a preferência, em meio a casos de alteamento. O português de São Tomé, então, estaria entre eles, no entanto mais próximo da realidade brasileira.

Passos (2018) analisa o comportamento do ditongo /ei/ em contexto medial e final de palavra na variedade urbana do português de STP, por meio da teoria da variação e mudança e da sociolinguística variacionista. Especificamente, busca verificar se esse ditongo sofre

monotongação, se realiza como [ej] ou apenas como [j], como ocorre no PE. Também investiga tanto se o fenômeno apresenta traços convergentes com o PB quanto se determinadas ocorrências se devem ou não à influência do forro.

Para isso, analisa um corpus pertencente ao já citado projeto VAPOR, da Universidade de Lisboa, composto por entrevistas com 17 falantes.

Conforme aponta a autora, os resultados das análises mostram que a monotongação é um processo produtivo e constitui uma regra variável na comunidade urbana do PST. As restrições que favorecem a aplicação dessa regra variam de acordo com a posição da sílaba no vocábulo. Em posição medial, é condicionada pelo contexto subsequente e nível de escolaridade, sendo que são os indivíduos menos escolarizados os que mais a implementam, principalmente nos casos em que o ditongo é seguido por fricativa palato alveolar ou por tepe. Já em contexto final, os dados demonstraram que os indivíduos que utilizam o forro com alta frequência são mais suscetíveis à monotongação.

Em relação ao contexto medial, A autora também mostra que os resultados indicam haver convergências entre a variedade urbana do PST e o PB, mesmo que nesse último a monotongação não ocorra diante de [t]. No entanto, verifica-se divergência no contexto final, já que a monotongação nessa posição é atípica no PB.

6.2 PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE

No tocante aos trabalhos a respeito do português do Príncipe, não há ainda nenhuma publicação dedicada exclusivamente à variedade em questão. Em relação à apresentação de comunicação, é possível citar Santos et al. (2014) que apresentaram, no encontro do Grupo de Estudos em Línguas em contato (GELIC), realizado na Universidade de São Paulo (USP), a comunicação oral intitulada “Concordância de número e de gênero: aproximações entre o português de Angola, português do Príncipe e o português Kaingang.” Nela, os autores objetivaram apresentar uma análise comparativa dos aspectos de número e de gênero nas 3 variedades do português citadas, o português falado em Angola (PLB), especificamente do município do Libolo, o português falado na Ilha do Príncipe (PP), São Tomé e Príncipe, e o português falado pelos índios Kaingang (PK), da região Sul do Brasil, estado do Rio Grande do Sul. A partir da análise dos dados, pretendiam propor as aproximações das 3 línguas, assim como os fatores que poderiam influenciar na realização, ou não, dessa concordância.

Outras duas comunicações orais são de Agostinho (2016) e Agostinho (2016b). Nestes dois trabalhos, a autora discute os desvios ortográficos dos róticos no português da Ilha do

Príncipe, dando luz a aspectos dos róticos na fonologia desta variedade. Agostinho (2016) argumenta que essa variedade possui um sistema fonológico diferente do PE e PB, o que se reflete no fato de, conforme Serra (inédito apud Agostinho, 2016), a escolha de <r> ou <rr> feita pelos alunos do Príncipe ser aleatória. O que pode ser explicado através da constatação de que essa variedade não faz distinção entre r fraco e r forte, tratando-se, assim, de uma questão não apenas ortográfica. AGOSTINHO (2016) afirma que isso pode ser ainda uma influência da língua crioula da região, que só possui um fonema para os róticos.

6.3 TRABALHOS COMPARATIVOS PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE

Dentre os raros trabalhos publicados que enfocam ambas as variedades, Balduino (2018) traz, em sua dissertação de mestrado, uma descrição e análise comparativa da nasalidade vocálica no Português de São Tomé e no Português do Príncipe, além de propor uma análise fonológica para a nasalidade tautossilábica e para a nasalização heterossilábica no PST e no PP. Além disso, também analisa esses fenômenos contrastivamente em relação às línguas locais das ilhas, Santome e lug'ie, e posteriormente aos estudos de português brasileiro e europeu, levando em conta a situação de contato linguístico envolvida. Para isso, utilizou-se de um corpus composto por 1684 tokens de 822 itens lexicais para cada uma das variedades estudadas. Os dados foram obtidos em trabalho de campo, com 5 informantes para o PP e 7 para o PST. Os métodos utilizados na pesquisa são advindos da fonologia de laboratório, portanto, as análises basearam-se em análises acústicas e perceptivas.

Como resultados, a autora verificou que, tanto em PST quanto em PP, não há nasalidade vocálica fonológica, mas sim nasalidade vocálica fonética, em decorrência de um espreadimento de traços e, portanto, o inventário vocálico fonológico do português de STP é composto apenas por seguimentos orais. Balduino (2018) ainda aponta que esse resultado aproxima o PST das variedades do PB e PE, nas quais a nasalidade tautossilábica é interpretada, majoritariamente, como não fonológica. Todavia, a autora também identificou algumas questões interessantes relacionadas à duração vocálica, que mostram algumas diferenças entre as variedades.

Já em relação à nasalização heterossilábica, analisada a partir de 22 itens lexicais e 5 informantes para o PP e PST, a autora constatou que esse processo de nasalização em tônicas é opcional, enquanto a nasalização heterossilábica em átonas não foi identificada, o que aproxima

as variedades em questão do PE. Em relação à opcionalidade da nasalização heterossilábica em vogal tônica, a autora pontua a influência das línguas locais, santome e lung'le, já que esse fenômeno também ocorre nessas línguas, enquanto não ocorre no PB e PE. Influência esta que, conforme a autora, poderia ser, para além de uma mudança induzida por contato linguístico, considerada indício de um provável resquício da aquisição do PST e PP a partir de um português L2.

A partir dos pressupostos da fonologia prosódica, as autoras Balduino et al. (2017) realizam uma discussão sobre os fenômenos de sândi vocálico, especificamente processos de elisão e degeminação no português de São Tomé e Príncipe (PS), posteriormente comparando os resultados com a ocorrência desses processos no PB.

O corpus foi composto de 62 dados, retirados de 4 entrevistas naturalísticas realizadas com falantes de PS, sendo duas mulheres e dois homens. A análise foi auditiva, em um primeiro momento, e depois acústica.

Como resultados, as autoras apresentam que ambos os processos são produtivos no PS. O contexto vocálico de aplicação é variado e verificaram-se algumas peculiaridades dessa variedade do português, como a ocorrência de elisão em contextos que são propícios à ditongação no PB.

6.4 AS VOGAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

Uma série de estudos tem sido feita ao longo dos anos, a partir de diferentes perspectivas teóricas, a fim de descrever o inventário vocálico do PB e do PE. Embora os autores possam divergir em alguns pontos, é consenso que a relação entre a qualidade vocálica e a sílaba tônica causa diferenças fonéticas entre as duas variedades. (CÂMARA JR. 1970; BISOL, 2004)

“Em referência às vogais, a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita. O que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones” (CÂMARA JR. 1970). O autor afirma que a posição tônica delimita os traços distintivos vocálicos em sua plenitude, o que resulta em um sistema vocálico triangular, composto por 7 vogais tanto em PB quanto em PE, [i, e, E, a, O, o, u]. Cagliari, Cagliari & Redembarger (2016) também apontam que as duas variedades compartilham 7 seguimentos vocálicos em posição tônica. Sobre o PE, há divergência entre os autores. Enquanto autores como Mateus & D'Andrade (2000) atestam a existência de sete vogais orais /i, e, E, a, o, O, u/, Rua (2005) pontua que o sistema vocálico

tônico do PE é composto por oito elementos distintivos /i, u, e, o, E, O, a, @/ e nove segmentos fonéticos [i, e, E, a, ɐ, o, u, O, @] comprovados acusticamente.

Em sílabas átonas, uma das características que diferencia o sistema fonológico do PE do PB, conforme Caglieri, Caglieri & Redembarger (2016) é a ocorrência de [ɐ] e [i], em vez de [a] e [i]. Os autores apontam que outra característica são as vogais desvozeadas. No PB, elas são encontradas apenas na posição final de palavra, mas não sempre. Enquanto no PE, vogais desvozeadas são encontradas regularmente nesse e em outros contextos, vogais desvozeadas no PE, podem também ser deletadas quando ocorrem em sílabas átonas. O apagamento vocálico ocorre muitas vezes quando há uma consoante líquida. Para os autores, esse apagamento da vogal representa um impacto substancial na compreensão mútua entre falantes das duas variedades.

A pretônica, no PB, reduz-se a um subsistema de 5 vogais [i, e, a, o, u]. Isso ocorre porque, conforme Câmara Jr (1970) a neutralização efetiva-se entre os segmentos médios abertos e fechados, tanto na série anterior quanto na posterior, cancelando a oposição entre [e ~E] e [o ~O]. Já no PE esse número mostra-se ainda menor, sendo 4 vogais, elimina-se o valor opositivo dos mesmos sons e o quadro limita-se a dois graus de abertura que se manifestam em três vogais altas – [ɪ, e, i] e uma vogal média [ɛ], variável com [ɛ] tônico (p[ɪ]go → p[ɛ]gar) (MATHEUS & D'ANDRADE, 2018).

Em se tratando da postônica, PB e PE partilham um subsistema de átona final composto por 3 vogais [i, a, u] (CÂMARA JR, 1970; MATEUS & DANDEADE, 2001; CAGLIERI, CAGLIERI & REDEMBARGER, 2016).

Em resumo, de acordo com Caglieri, Caglieri & Redebarger (2016), uma das diferenças mais salientes entre Pb e PE é a ocorrência em PE da vogal átona [ɐ], em contextos em que o PB usa a vogal [a].

Conforme Bisol & Veloso (2016) PE e PB tem uma regra de neutralização que reduz o sistema de 7 vogais que ocorrem em sílabas tônicas, para um sistema de 3 vogais [i, a, u], em sílabas átonas. Esse sistema básico é atestado em todas as posições no PE, mas apenas em posição de final de palavra no PB.

7 METODOLOGIA

Nesta seção, apresenta-se a metodologia a partir da qual foi realizado este trabalho. Começando por explicar sobre o corpus utilizado e sua coleta, subseção 7.1, com breve explicação sobre a caracterização dos falantes, subseção 7.1.1. Em seguida, são trazidos detalhes sobre o tratamento e forma de análise dos dados, na subseção 7.2.

7.1 CORPUS E COLETA

Este estudo foi desenvolvido a partir de um corpus composto por dados coletados in loco, na cidade de Santo Antônio do Príncipe, capital da Ilha do Príncipe. A coleta foi realizada no ano de 2016 pela prof^a Dr. Ana Livia dos Santos Agostinho (UFSC) e pela, então, mestrande Amanda Macedo Balduino (USP). Os dados foram coletados especificamente para esta pesquisa e fazem parte do projeto Corpus do Português de São Tomé e Príncipe (AGOSTINHO et al, 2016). As gravações foram realizadas em uma sala cedida para este fim na rádio regional do Príncipe, portanto, sem qualquer tipo de isolamento acústico.

Uma lista com 80 palavras foi previamente escolhida, pensando nas diferentes posições que as vogais podem ocupar, ou seja, palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Pensando também em verificar as possíveis ocorrências de um mesmo segmento em diferentes contextos acentuais. A pesquisadora, então, após explicar sobre a dinâmica do experimento, solicitou a cada falante que repetisse por 3 vezes cada palavra encaixada na frase veículo “Eu falo X baixinho”, em que x era o item lexical alvo. É importante destacar que esse método foi considerado o mais adequado haja vista que nem todos os falantes sentiam-se a vontade para ler as palavras ou eram alfabetizados. Além disso, cabe salientar também que algumas das palavras não foram ditas por alguns falantes por motivos diversos, mas tratam-se de casos isolados que considera-se que representam impacto mínimo em relação ao resultado geral. A lista das palavras utilizadas na composição do corpus está no **ANEXO 1**.

7.1.1 Caracterização dos falantes

São informantes desta pesquisa 10 falantes, 5 do gênero feminino e 5 do masculino, descendentes tanto de principenses quanto de Cabuverdianos. Como esta é uma descrição inicial, não há preocupação com o estabelecimento de variáveis independentes e extra-

linguísticas de análise. Assim sendo, o perfil dos informantes é bastante amplo, sendo as únicas duas exigências ser falante nativo de português e nunca ter saído da Ilha do Príncipe. Ademais, A tentativa de realizar uma análise baseada em algumas características específicas do perfil dos falantes, tais como escolaridade e faixa etária, mostrou-se improdutiva, também na medida em que alguns dados importantes não estavam disponíveis por motivos diversos.

7.2 TRATAMENTO DOS DADOS E ANÁLISE

A primeira etapa foi ouvir as gravações integralmente, tanto para conferir se havia algum problema com o áudio quanto para um primeiro contato e familiarização com o material. Então, através do software de edição de áudio Audacity³, cada palavra enunciada por um falante foi recortada, incluindo a frase veículo, e salva como um arquivo individual. Esse arquivo foi nomeado de acordo com o nome do falante, a palavra e a ordem que foi enunciada, como em "Falante_Abacaxi1", "Falante_Abacaxi2", etc. Esses arquivos, em seguida, foram organizados em pastas com o nome de cada falante, criadas para fins de organização e posterior facilidade de acesso.

Com isso feito, a próxima etapa foi transcrever os dados foneticamente. Para tanto, utilizou-se o alfabeto fonético Speech Assessment Methods Phonetic Alphabet (SAMPA), haja vista que é o único que, até o momento, pode ser reconhecido por leitores de tela⁴.

Assim, esse também será o alfabeto fonético utilizado ao longo de todo este trabalho, mesmo que os autores de trabalhos citados utilizem o IPA. As transcrições foram registradas em planilhas do Microsoft Excel, uma por falante, compostas por colunas de acordo com a seguinte ordem: Nome do arquivo, transcrição fonética, tônica, pretônica1, pretônica2, pretônica3, postônica1, postônica2. Depois, todas as planilhas foram inseridas em uma só.

Terminada essa parte das transcrições, os dados foram analisados a partir principalmente de inspeções perceptuais. É importante destacar que o software Praat (BOERSMA & WEENICK 2017), bastante útil e comum em análises e trabalhos na área de fonética e fonologia, não pôde ser utilizado devido a sua total falta de acessibilidade para pessoas usuárias de leitores de tela. Assim, quando surgiram dúvidas específicas em relação a

³ Audacity é um software livre e gratuito de edição de áudio. Disponível em: < <https://www.audacityteam.org> >

⁴ Leitor de tela é um software que vocaliza as informações escritas na tela através de uma voz sintetizada. Assim, pessoas com deficiência visual podem utilizar com autonomia dispositivos eletrônicos como computadores e celulares. Um dos mais utilizados é o NVDA, disponível em: < <https://www.nvaccess.org> >

alguma vogal nas gravações, foi solicitada a ajuda da professora orientadora deste trabalho, que prontamente realizou a análise acústica no programa e explicou os aspectos visuais, discutindo os resultados em conjunto.

8 QUADROS VOCÁLICOS DO PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE

Esta seção apresenta os resultados obtidos a partir da análise dos dados do PP. Segue a distribuição do quadro vocálico do português principense conforme os seguimentos vocálicos licenciados em cada posição acentual. Nas próximas subseções, são discutidos em detalhes os contextos da tônica, subseção 8.1, enquanto na 8.2, discute-se a pretônica, a subseção 8.3 abarca a postônica medial e final, separadamente, na variedade em questão.

8.1 VOGAL TÔNICA

Em contexto de sílaba tônica, o português principense apresenta 7 vogais fonológicas orais, a exemplo do PB e PE, como mostra o quadro a baixo:

Quadro 1. Quadro Vocálico Tônico do Português Principense

	Anterior	Central	Posterior
Alta	[i]		[u]
Média alta	[e]		[o]
Média baixa	[E]		[O]
Baixa		[a]	

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Conforme o quadro 1, os seguimentos vocálicos que representam os 7 fonemas vocálicos do PP podem ser classificados da seguinte forma. Em relação à altura da mandíbula, os seguimentos se organizam em vogais altas [i, u], médias [e, E, o, O] e baixa [a] e, já em relação ao recuo da língua, as vogais são classificadas entre anteriores [i, e, E] e posteriores [u, o, O].

Em se tratando de nasalidade, por sua vez, o PP apresenta 5 vogais nasalizadas, [6̃, ẽ, ĩ, õ, ũ] pelo espreadimento do traço de nasalidade de uma consoante nasal tautossilábica,

correspondendo a nasalização a um processo fonológico a partir de /VN/ e não a um traço presente no quadro vocálico dessa variedade (cf. Balduino 2018).

A ocorrência de 7 vogais orais fonológicas no sistema da tônica do PP é atestada pelos dados de forma categórica, conforme demonstrado a baixo. Nesse quadro, são apresentados dados que confirmam a existência de 7 vogais tônicas orais no PP, sendo que elas podem estar na posição inicial, mediana e final da palavra, desde que a sílaba em evidência também seja tônica.

Quadro 2. Vogais tônicas do PP conforme posição na palavra

Vogal	Inicial	Mediana	Final
[a]	[a]rido	p[a]to	sof[a]
[e]	[e]xtra	p[e]na	cad[e]
[E]	[E]xtra	b[E]lo	caf[E]
[i]		m[i]mica	caqu[i]
[o]	[o]ssobo	t[o]co	
[O]	[O]pera	p[O]	micoc[O]
[u]	[u]tero	t[u]do	urub[u]

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Essa configuração da vogal tônica aproxima o PP do PB, ao mesmo tempo em que o afasta do PE, para alguns autores.

8.2 VOGAL PRETÔNICA

O sistema da pretônica no PP, por sua vez, mostra-se reduzido em relação ao da tônica, já que é eliminada a oposição entre vogais médias altas e baixas nesse contexto. Verifica-se apenas a ocorrência de vogais médias altas, conforme demonstrado no quadro 3 a baixo.

Quadro 3 . Quadro Vocálico Pretônico do Português Principense

	Anterior	Central	Posterior
Alta	[i]		[u]
Média alta	[e]		[o]
Baixa		[a]	

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Assim sendo, o PP apresenta 5 vogais licenciadas na posição pretônica [i, e, a, o, u], as quais podem ser observadas nos dados reunidos a baixo. Este subsistema, em que os fonemas /E/ /e/ e /o/ /O/ são neutralizados, se aproxima ao verificado para o PB (CÂMARA JR, 1970) e para o PST (SILVEIRA, 2013), ao passo que se distancia do verificado para o PE, que conta com apenas 4 vogais nesse contexto (MATEUS & D'ANDRADE, 2001)

As 5 vogais que compõe o vocalismo pretônico do português do Príncipe podem ser atestadas pelos dados reunidos no quadro 4 a seguir.

Quadro 4. Vogais pretônicas no PP nos dados

Vogal	Item lexical	Transcrição fonética
[a]	Café	[ka''fE]
[e]	Dedal	[de''daw]
[i]	Final	[fi''naw]
[o]	Ossobô	[oso''bo]]
[u]	Urubu	[u4u''bu]

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Como ocorre a neutralização nesse contexto, são verificadas apenas vogais [e] e [o], em vez de [E] e [O]. Constatou-se a ocorrência de vogais médias baixas apenas em contextos cujo item lexical era formado por sufixos –íssimo e -(z)inho, como s[E]ríssimo e caf[E]zinho.

8.3 VOGAL POSTÔNICA

O sistema da vogal postônica no PP, a exemplo do que ocorre no PB, pode ser dividido em vogal postônica medial ou não final e vogal postônica final. Nas próximas subseções, respectivamente 8.3.1 e 8.3.2, ambos os subsistemas são discutidos de forma individual.

8.3.1 Vogal Postônica Medial

Em contexto de vogal postônica medial, a exemplo do quadro vocálico da pretônica nesta variedade, o PP conta com 5 vogais, de acordo com o quadro que segue.

Quadro 5 . Quadro Vocálico Postônico Medial do Português Principense

	Anterior	Central	Posterior

Alta	[i]		[u]
Média alta	[e]		[o]
Baixa		[a]	

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Os fonemas /E, e/ e /O, o/ são neutralizados no contexto postônico medial do português do Príncipe, resultando em um subsistema composto pelas 5 vogais [i, e, a, o, u], conforme os dados atestam no quadro 6.

Quadro 6. Vogais postônicas mediais do PP nos dados

Vogal	Item lexical	Transcrição fonética
[a]	Sílaba	[“silab6]
[e]	Útero	[“ute4U]
[i]	Mímica	[“mimik6]
[o]	Pérola	[“Pe4ol6]
[u]	Céd[u]la,	[“sEdul6]

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

8.3.2 Vogal postônica final

Já o subsistema da postônica final do PP revela-se ainda mais reduzido, sendo composto por apenas 3 vogais, assim como no PB e PE.

Isso ocorre porque, nesse contexto, os fonemas [e, E ~O, o] são neutralizados, assim como a oposição entre vogais médias altas e médias baixas, conforme demonstrado no quadro 7.

Quadro 7. Quadro Vocálico Postônico Final do Português Principense

	Anterior	Central	Posterior
Alta	[I]		[U]
Baixa		[6]	

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

As 3 vogais licenciadas no contexto postônico final do PP são produzidas de forma reduzida, [I, 6~U], sua ocorrência pode ser atestada através dos dados do quadro 8.

Quadro 8. Vogais postônicas finais no PP nos dados

Vogal	Item lexical	Transcrição fonética
[6]	Bol[6]	[ˈbOl6]
[I]	Mol[I]	[ˈmOlI]
[U]	Tráfíc[U]	[ˈtʰ4afíkU]

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Em relação ao quadro vocálico postônico das outras variedades do português, constata-se que o PP também se aproxima do PB e do PST nesse aspecto, ao mesmo tempo em que se distancia do PE, mesmo que este último seja sua norma de referência e prestígio. Esse fato corrobora o caráter complexo e singular desta variedade.

Assim sendo, o português principense constitui uma variedade única e legítima da língua portuguesa, que naturalmente partilha traços com algumas variedades e com outras não, como ocorre com qualquer outra na mesma situação. Dessa forma também, é natural que ocorra variação vocálica no português principense. Algumas das ocorrências encontradas nos dados serão discutidas na próxima seção.

Em resumo, tendo em vista a semelhança atestada em contexto tônico partilhada pelo PB, PE e PP, nota-se que as diferenças no vocalismo dessas variedades concentram-se na alofonia resultante da distribuição das vogais em contexto átono. No entanto, em termos gerais, nota-se uma aproximação maior de aspectos do PP com o PB, o que torna-se ainda mais interessante porque a norma alvo, promovida pelo governo e considerada de prestígio pelos são-tomenses, ainda é o PE.

9 VARIAÇÃO VOCÁLICA NO PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE

Nesta seção, são apresentadas algumas ocorrências de variação vocálica encontradas nos dados estudados para o português do Príncipe, assim como alguns processos fonológicos identificados nesses dados. Em geral, esses fenômenos estão relacionados à alternância vocálica, que consiste na modificação do traço de altura que compõe os seguimentos em evidência, resultando em neutralizações e desvozeamento vocálico. Cada uma das subseções seguintes tratará das ocorrências encontradas no sistema da tônica, pretônica e postônica, respectivamente nas subseções 9.1, 9.2 e 9.3.

9.1 VARIAÇÃO NA VOGAL TÔNICA

Em contexto tônico, foram encontradas ocorrências de alternância entre vogais médias baixas e altas [e, E, o, O]. Na tabela 1 a baixo, são apresentadas essas ocorrências, assim como o número de falantes, quantidade de ocorrências e a porcentagem.

Tabela 1. Ocorrência de alternância vocálica na tônica no português principense

Ocorrência	Número de falantes	Número de ocorrências	Porcentagem
F[O]me	2	6	20%
H[O]mem	2	6	20%
[E]xtra	6	18	60%

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Tabela 2. Distribuição da ocorrência vocálica de acordo com os falantes

Ocorrência	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
F[O]me					x	x				
H[O]mem					x	x				
[E]xtra	x				x	x		x		

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Embora sejam poucos itens lexicais em que ocorre variação, há certa consistência nos dados. Os falantes 5 e 6, por exemplo, optaram por utilizar a vogal média baixa todas as vezes, enquanto o 1, apenas em um dos itens lexicais, o que também mostra que há variação na produção de um mesmo falante.

A ocorrência de alternância na altura da vogal que, originalmente, cria oposição distintiva na vogal tônica, sugere a possibilidade de variação não contrastiva nesse contexto para o PP. Em síntese, O PP conta com um inventário vocálico composto por 7 seguimentos vocálicos na posição tônica, em que também pode ser verificada alternância entre vogais médias altas e baixas, mas sem que isso necessariamente resulte em oposição contrastiva.

9.2 VARIAÇÃO NA VOGAL PRETÔNICA

Como já mencionado brevemente na outra seção, a neutralização é um processo que afeta vogais médias altas pretônicas no PP, sendo caracterizado pela eliminação da oposição de abertura entre [e, E, O, o]. Como, nesse caso, ela surge a partir da elevação na altura da

mandíbula na articulação das vogais médias, considera-se como alçamento vocálico. As ocorrências de alçamento vocálico em contexto pretônico podem ser conferidas na tabela 3.

Tabela 3. Alçamento vocálico na pretônica no PP

Ocorrência	Nº de falantes	Nº ocorrências	Porcentagem
B[u]neca	10	30	100%
M[u]delo	7	21	70%
P[u]eira	10	30	100%
C[u]lega	3	9	30%
S[u]fa	3	9	30%
P[u]mar	3	9	30%
B[u]lota	1	3	10%
M[i]nino	3	9	30%
M[i]nina	3	9	30%
M[u]leza	1	3	10%

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Conforme ilustrado na tabela, o alçamento vocálico foi identificado em 10 itens lexicais e 44 ocorrências. O fenômeno mostra-se de caráter variável no PP, com diferentes frequências de aplicação. Enquanto b[u]neca e p[u]eira foram produzidos por todos os 10 falantes em todas as ocorrências, m[u]delo, por exemplo, teve uma produção mais inconstante. Já m[i]nino, m[u]leza e b[u]lota tiveram baixa ocorrência. Também pode ser interessante observar como a aplicação do alçamento vocálico muda de falante para falante, como demonstrado na tabela 4 a baixo.

Tabela 4. Distribuição do alçamento vocálico na pretônica de acordo com cada falante (Nº) no PP

Ocorrência	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B[u]neca	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
M[u]delo	x	x		x		x	x		x	x
P[u]eira	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
C[u]lega	x	x					x			
S[u]fa			x	x			x			
P[u]mar		x				x	x			
B[u]lota										x
M[i]nino	x	x	x							
M[i]nina	x	x	x							
M[u]leza			x							

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

O alçamento vocálico no PP parece ser um fenômeno variável, inclusive apresenta flutuação nos dados de um mesmo falante. Todos os falantes produziram o fenômeno mais de uma vez. É possível concluir que o sistema da pretônica do PP, formado por 5 seguimentos vocálicos, abarca a neutralização de vogais médias em altas. Constatou-se a ocorrência de vogais médias baixas também em contextos envolvendo formas derivadas com os sufixos -(z)inho e -íssimo, conforme demonstrado abaixo.

Tabela 5. Vogais médias pretônicas em formas derivadas no PP

Ocorrência	Número de falantes	Número de ocorrências	Porcentagem
B[o]linha	6	18	60%
M[o]linho	4	12	40%
T[e]rrinha	5	15	50%
S[e]rrinha	5	15	50%
B[e]líssimo	3	9	30%
P[o]zinho	4	12	40%
S[e]ríssimo	3	9	30%

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Tabela 6. Distribuição das vogais médias pretônicas em formas derivadas no PP de acordo com cada falante (Nº)

Ocorrência	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B[o]linha	x	x	x		x	x	x			
M[o]linho	x		x				x	x		
T[e]rrinha	x		x	x	x		x			
S[e]rrinha	x	x		x	x		x			
B[e]líssimo	x				x		x			
P[o]zinho	x				x	x	x			
S[e]ríssimo				x	x		x			

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Na tabela 6 é possível perceber como a alternância entre vogais pretônicas médias baixas e altas em palavras derivadas parece ocorrer de forma variável, em distribuição livre. Enquanto os falantes 1 e 7, por exemplo, produzem uma vogal média baixa em 6 das 7 palavras derivadas, as mesmas, inclusive, os falantes 9 e 10 não produzem nenhuma vogal média baixa em nenhuma

das palavras derivadas. Além disso, não altera o sentido das palavras o uso de uma vogal média baixa ou alta nesse contexto, o que não acontece no PB, por exemplo, em que palavras derivadas com esses sufixos e vogais médias baixas não são aceitas. Conforme Cristófaró Silva (2013), “O que podemos concluir enquanto generalização é que todos os dialetos do português brasileiro apresentam [i,e,a,o,u] em posição pretônica. Todos os falantes também apresentam as vogais [E,O] em posição pretônica em formas derivadas com os sufixos ‘-mente, -inh, -zinh, -íssim’ cujos radicais apresentam as vogais tônicas [E,O] (...). O que é específico de cada dialeto (ou mesmo idioleto) é a distribuição de [E,O] em posição pretônica em contextos que não apresentam estes sufixos.” (SILVA, 2003 p. 84). Assim sendo, o PP apresenta variação na ocorrência de vogais médias pretônicas em posições não esperadas em PB e PE (Cf. MATEUS & D’ANDRADE, 2000), *locus* onde parece haver maior variação nessa variedade. Todas as outras características aqui discutidas tem algum nível de proximidade com o PB ou PE, mas esse fato confirma que existem características inerentes ao PP e que podem não ser compartilhadas com as outras variedades de português.

9.3 VARIAÇÃO NA VOGAL POSTÔNICA

No subsistema da vogal postônica medial, a exemplo da pretônica, também houve ocorrência de alçamento vocálico, conforme tabela 7.

Tabela 7. Alçamento vocálico em vogal postônica medial no PP

Ocorrência	Número de falantes	Número de ocorrências	Porcentagem
Pér[u]la	8	24	80%

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Os dados mostram que esse fenômeno parece ser significativamente menos produtivo na posição postônica medial nessa variedade, já que, embora tenha sido produzido por 8 falantes, foi em apenas um item lexical.

Já em contexto de vogal postônica final, composto por 3 vogais no PP [I, 6, U], os dados mostram a ocorrência do fenômeno de desvozeamento vocálico, que consiste na perda do traço de vozeamento da vogal. As ocorrências são apresentadas na tabela 8.

Tabela 8. Desvozeamento vocálico em postônica final no PP

Ocorrência	Número de falantes	Número de ocorrências	Porcentagem
------------	--------------------	-----------------------	-------------

Elefant[_0]	10	30	100%
Sobriedad[_0]	6	18	60%
Seriedad[_0]	6	18	60%
Táx[_0]	2	6	20%

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

A tabela abaixo mostra a ocorrência do desvozeamento vocálico conforme cada falante.

Tabela 9. Distribuição do desvozeamento vocálico no PP de acordo com cada falante (Nº)

Ocorrência	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Elefant	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Seriedad			x	x	x		x		x	x
Sobriedad			x	x	x		x		x	x
Tax	x					x				

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

O contexto de aplicação, além da vogal átona, em todos os itens em que o desvozeamento foi verificado é um seguimento licenciado como coronal. Mesmo os dados sendo poucos para afirmar que o fenômeno do desvozeamento vocálico é categórico no PP, é possível verificar que ocorre nas produções de mais de um falante, o que pode indicar uma semelhança com o PB. Sobre isso, Meneses (2017), aponta que o desvozeamento vocálico é recorrente a alguns dialetos do PB.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Tomé e Príncipe é um país insular banhado pelo oceano atlântico, localizado no Golfo da Guiné, região ocidental da África. O arquipélago é formado pelas grandes ilhas de São Tomé e do Príncipe, além de outras ilhotas. Conforme os registros, o território era inabitado antes da chegada dos portugueses, por volta do ano de 1470.

O processo de colonização das ilhas pode ser dividido em período de habitação e de plantação, este último composto de dois períodos distintos, fase da cana de açúcar e fase do cacau e do café. Ao longo desses períodos, São Tomé, devido a sua localização estratégica para o tráfico escravagista, tornou-se um entreposto atlântico desse mercado, o que fez com que diversas pessoas, falantes de línguas tipologicamente diferentes, passassem pelo menos um tempo juntas nas ilhas, em um contexto de violência e confinamento bastante específico.

Essa convivência forçada entre escravizados de diversas partes do continente africano gerou situações bastante peculiares de contato linguístico. A urgência da necessidade de comunicação deu origem a um pidgin emergencial, que evoluiu até tornar-se o proto-crioulo do Golfo da Guiné. Este último, então, ramificou-se em 4 línguas crioulas, autóctones e geneticamente relacionadas, a saber santome, lung'Ie, angolar e fa d'ambô. Estas, ao longo do tempo e dos diferentes processos ocorridos no arquipélago, foram paulatinamente substituídas pelo português que, de língua do colonizador, passou a ser a língua materna da maioria da população. Atualmente, o português é a única língua que detém o status de oficial em São Tomé e Príncipe, enquanto as línguas crioulas autóctones são consideradas línguas nacionais e, aos poucos, tem deixado de ser faladas e aprendidas como L1, passando a ocupar o papel de L2. Por conseguinte, todas as línguas autóctones de São Tomé e Príncipe estão ameaçadas de extinção.

A língua portuguesa, assim, é utilizada em todas as comunicações de estado, na imprensa e dominá-la é o objetivo do sistema escolar. No entanto, o alvo dos falantes segue sendo a variedade europeia do português, considerada de prestígio.

Mesmo assim, emergem do uso e do contato com as línguas locais variedades próprias, tanto de São Tomé quanto do Príncipe, de forma natural. A variedade do Príncipe ou português principense (PP) é o foco deste trabalho. Nele, objetivou-se descrever e analisar o sistema vocálico da variedade em questão, discriminando os segmentos vocálicos licenciados em cada posição acentual, tônica, pretônica e postônica.

Há poucos trabalhos publicados sobre o português de São Tomé e, ainda menos, sobre o português do Príncipe, sobretudo na área da fonética e fonologia, mas também na linguística

em geral. Assim, a relevância deste estudo concentra-se no fato de ser a primeira descrição do sistema vocálico de uma variedade pouco estudada da língua portuguesa, especialmente em uma área pouco explorada. Ademais, contribui para o conhecimento da língua em sua totalidade e diferentes variedades, além de explorar situações peculiares de contato linguístico, como ocorre em São Tomé.

Os resultados deste estudo mostram que o sistema vocálico do português principense é composto por 7 seguimentos vocálicos em contexto tônico, [i, e, E, a, O, o, u], assim como o que ocorre no PB. No caso da vogal pretônica, esse número reduz-se a 5, já que a oposição entre vogais médias altas e baixas desaparece nesse contexto. Então, as 5 vogais pretônicas do PP são [i, e, a, o, u]. Tal qual na pretônica, também é 5 o número de vogais postônicas mediais nessa variedade, com os fonemas [e, E, O, o] sendo neutralizados também nesse contexto, o que resulta em um quadro formado por [i, e, a, o, u]. O subsistema da postônica final, por sua vez, é o mais reduzido no PP, assim como no PB e PE, sendo composto por apenas 3 vogais, [I, 6, U], realizadas de forma reduzida.

Em se tratando de variação vocálica no PP, foram encontradas algumas ocorrências interessantes, em geral relacionadas ao fenômeno da alternância vocálica. Na vogal tônica, houve alternância entre vogais médias baixas e altas [e, E, o, O], em palavras como *fome* e *extra*. Na pretônica, locus onde foi encontrada maior variação, houve alçamento vocálico em palavras como *boneca* e *modelo*. Constatou-se também a ocorrência de vogais médias baixas em contextos inesperados, envolvendo formas derivadas com os sufixos *-(z)inho* e *-íssimo*, como *terra* e *seríssimo*, o que não ocorre em PB e PE. Na postônica medial, por sua vez, também houve ocorrência de alçamento vocálico. Já na postônica final, houve desvozeamento vocálico.

Portanto, pudemos concluir que a variedade do português do Príncipe apresenta características diversas, que se aproximam ou distanciam do PB e PE, conforme o aspecto. A variedade em questão constitui uma variedade única e legítima do português, como qualquer outra, contando ainda com uma característica considerada particular, por não ocorrer em outras. Assim, apesar de o PE ser a norma alvo e referência para os falantes do Príncipe, sua variedade de português ainda assim apresenta características próprias que, por vezes, se distancia do próprio PE.

Por fim, este é um trabalho inicial de descrição do sistema vocálico do PP, que pode também ser o ponto de partida para investigações mais aprofundadas e específicas sobre algum fenômeno, por exemplo. Também é um registro do sistema vocálico desta variedade que, como qualquer outra, merece e precisa ser estudada. Este trabalho é um pequeno esforço neste

caminho, já que com certeza ainda há muito a desvendar e pesquisar sobre o português principense, assim como sobre as outras variedades africanas do português. Há muito ainda por realizar, refletir e descobrir, linguística e extralinguisticamente, sobre a língua portuguesa, suas diferentes variedades e contextos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, ANA LÍVIA DOS SANTOS. FONOLOGIA E MÉTODO PEDAGÓGICO DO LUNG'IE. 2015. TESE (DOUTORADO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA) - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2014.

AGOSTINHO, ANA LÍVIA DOS SANTOS. RÓTICOS EM CONTEXTO INTERVOCÁLICO NO PORTUGUÊS DA ILHA DO PRÍNCIPE: FONOLOGIA E EDUCAÇÃO. IN: 9º ENCONTRO DA ABECS. 2016, BRASÍLIA.

AGOSTINHO, ANA LÍVIA DOS SANTOS; BANDEIRA, MANUELE; FREITAS, SHIRLEY. LÍNGUAS CRIOULAS E LUSOFONIA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. NO PRELO.

Araujo, Gabriel Antunes de. Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe? In: Souza, Sweder & Olmo, Francisco Calvo (orgs.). 2020. Línguas em português. A Lusofonia numa visão Crítica. Porto: Universidade do Porto Press. ISBN: 978-989-746-259-7

2019

ARAÚJO, GABRIEL; AGOSTINHO, ANA LÍVIA DOS SANTOS. PADRONIZAÇÃO DAS LÍNGUAS

NACIONAIS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. LÍNGUA E INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS, v. 26, p. 49 - 81. 2010.

BALDUINO, AMANDA MACEDO. A NASALIDADE NO PORTUGUÊS DE STP. 2018. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA) - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2018.

BALDUINO, AMANDA MACEDO; BANDEIRA, MANUELE; FREITAS, SHIRLEY. OS PROCESSOS DE ELISÃO E DEGEMINAÇÃO NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. FILOLOGIA E LINGUÍSTICA PORTUGUESA (ONLINE), v. 19, p. 163-197, 2017.

BANDEIRA, MANUELE. RECONSTRUÇÃO FONOLÓGICA E LEXICAL DO PROTOCRIOULO DO GOLFO DA GUINÉ. 2017. TESE (DOUTORADO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA) - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2016.

BISOL, Leda. . Mattoso Câmara Jr. e a Palavra Prosódica. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada , São Paulo, v. 20, n.especial, p. 59-70, 2004.

BISOL, LEDA; VELOSO, JOÃO. PHONOLOGICAL PROCESSES AFFECTING VOWELS: NEUTRALIZATION, HARMONY, AND NASALIZATION. IN: WETZELS, W. LEO; COSTA, JOÃO; MENUZZI, SERGIO. THE HANDBOOK OF PORTUGUESE LINGUISTICS. OXFORD: WILEY BLACKWELL, 2016. CAP. 5. P. 69-86. (BLACKWELL HANDBOOKS IN LINGUISTICS).

BOUCHARD, MARIE-EVE. 2017. LINGUISTIC VARIATION AND CHANGE IN THE PORTUGUESE OF SÃO TOMÉ. TESE DE DOUTORADO, NEW YORK UNIVERSITY. NOVA YORK.

BOERSMA, PAUL & WEENINK, DAVID. 2017. PRAAT: DOING PHONETICS BY COMPUTER (VERSION 5.3.82) COMPUTER PROGRAM. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.PRAAT.ORG](http://www.praat.org)> ACESSO EM: 20 DE SET. DE 2019.

BRAGA, GABRIELA. PROSÓDIA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ: O CONTORNO ENTOACIONAL DAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS. 2018. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA) - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2018.

BRANDÃO, SILVIA FIGUEIREDO; PESSANHA, DAVI BRETAS DOS SANTOS; PONTES, STEFANY DE PAULO; ; CORREA, MONIQUE OLIVEIRA. RÓTICOS NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ. PAPIA REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DO CONTATO LINGUÍSTICO , v. 27, p. 293-315, 2017.

CÂMARA-JR, JOAQUIM MATTOSO. ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUESA. RIO DE JANEIRO: EDITORA VOZES, 1970.

CATEDRA PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA E ESTRANGEIRA. DISPONÍVEL EM: <
HTTPS://CATEDRAPORTUGUES.UEM.MZ/?__TARGET__=LISTA-BIBLIOGRAFIA-SAO-TOME>
 ACESSO EM: 24 DE SET. DE 2019

CRISTÓFARO-SILVA, THAIS. FONÉTICA E FONOLOGIA DO PORTUGUÊS: ROTEIRO DE ESTUDOS E GUIA DE EXERCÍCIOS. 10. ED. SÃO PAULO: EDITORA CONTEXTO, 2010. 275 P.

GOMES, DANIELE KELLY. VOGAIS NO CONTEXTO POSTÔNICO MEDIAL NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ. IN: BRANDÃO, SILVIA FIGUEIREDO. DUAS VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS: VARIÁVEIS FONÉTICO-FONOLÓGICAS E MORFOSSINTÁTICAS. 1 ED. SÃO PAULO: BLUCHER, 2018. V. 1, P. 159-176.

GONÇALVES, RITA. CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ. 2016. 286 F. TESE (DOUTORADO) - CURSO DE LINGUÍSTICA, UNIVERSIDADE DE LISBOA, LISBOA, 2016. DISPONÍVEL EM: <<HTTPS://REPOSITORIO.UL.PT/HANDLE/10451/26409?LOCALE=EN>>. ACESSO EM: 25 SET. 2019.

GONÇALVES, RITA; HAGEMEIJER, TJERK. O PORTUGUÊS NUM CONTEXTO MULTILINGUE: O CASO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. REVISTA CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE, V.1, N.1, P. 84-103. 2015.

HAGEMEIJER, TJERK. O PORTUGUÊS EM CONTACTO EM ÁFRICA. IN A. M. MARTINS & E. CARRILHO (EDS.), MANUAL DE LINGUÍSTICA PORTUGUESA. BERLIM: MOUTON DE GRUYTER, 2016. P. 43-67.

HAGEMEIJER, TJERK. AS ILHAS DE BABEL: A CRIOLIZAÇÃO NO GOLFO DA GUINÉ. REVISTA CAMÕES, V. 6, P. 74-88. 1999.

HAGEMEIJER, TJERK. “AS LÍNGUAS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE”. REVISTA DE CRIoulos DE BASE LEXICAL PORTUGUESA E ESPANHOLA, V.1, N.1, P. 1-27. 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. INE: SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE EM NÚMEROS. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. INE: SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE EM NÚMEROS. 2012. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.INE.ST/DOCS/2012/CENSOS/2012/INDEX.HTML](http://www.ine.st/docs/2012/CENSOS/2012/INDEX.HTML)>. ACESSO EM: 07 DE AUG DE 2019.

HLIBOWICKA-WEGLARZ, BARBARA. A ORIGEM DOS CRIoulos DE BASE LEXICAL PORTUGUESA NO GOLFO DA GUINÉ. ROMANICA CRACOVIENSIA, v. 11, p. 177 - 185. 2011.

MASSINI-CAGLIARI, GLADIS; CAGLIARI, CARLOS; REDENBARGER, WAYNE J.. A COMPARATIVE STUDY OF THE SOUNDS OF EUROPEAN AND BRAZILIAN PORTUGUESE: PHONEMES AND ALLOPHONES. IN: WETZELS, W. LEO; COSTA, João; MENUZZI, SERGIO. THE HANDBOOK OF PORTUGUESE LINGUISTICS. OXFORD: WILEY BLACKWELL, 2016. CAP. 4. P. 56-68. (BLACKWELL HANDBOOKS IN LINGUISTICS).

MATEUS, MARIA HELENA MIRA; D'ANDRADE, ERNESTO. THE PHONOLOGY OF PORTUGUESE. OXFORD: OXFORD LINGUISTICS, 2000.

MENEZES, FRANCISCO. 2017. UMA VISÃO DINÂMICA DOS PROCESSOS DE APAGAMENTO DE VOGAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, TESE DE DOUTORADO.

MUYSKEN, P.; ARENDS, J.; SMITH, N. (ED.). PIDGINS AND CREOLES: AN INTRODUCTION. AMSTERDAM/PHILADELPHIA: JOHN BENJAMINS, 1995.

NASCIMENTO, FABIANE DE MELLO VIANNA DA ROCHA TEIXEIRA RODRIGUES DO. VOGAIS EM CONTEXTO POSTÔNICO MEDIAL NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ. IN BRANDÃO, SILVIA FIGUEIREDO. DUAS VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS: VARIÁVEIS FONÉTICO-FONOLÓGICAS E MORFOSSINTÁTICAS. SÃO PAULO: BLUCHER, 2018. P. 119-158.

SEIBERT, GERHARD. COLONIALISMO EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: HIERARQUIZAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO DA VIDA SOCIAL. ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO 40(2): 99-120. 2015.

PASSOS, RAFAELA. R. O DITONGO /EI/ NA FALA DE SÃO TOMÉ. IN: BRANDÃO, SILVIA FIGUEREDO. DUAS VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS: VARIÁVEIS FONÉTICO-FONOLÓGICAS E MORFOSSINTÁTICAS. 1 ED. SÃO PAULO: BLUCHER, 2018. v. 1, p. 177-200.

QUAREZEMIN, SANDRA; FERREIRA, NÚBIA SARAIVA; ; AGOSTINHO, ANA LÍVIA DOS SANTOS; VARASCHIN, GIUSEPPE; ; CUNHA, KARINA ZENDROM DA. OLIVEIRA, LUCIANE. THE HANDBOOK OF PORTUGUESE LINGUISTICS, EDITADO POR W. LEO WETZELS, JOÃO COSTA E SÉRGIO MENUZZI. REVISTA LINGUÍSTICA, v. 14, p. 18-60, 2018.

RUA, Carla Marina Amaral Tavares. Ditongos orais no português europeu. 2005. Dissertação (Mestrado em estudos portugueses). Universidade de Aveiro, Aveiro. 2005.

SANTOS, EDUARDO FERREIRA; AGOSTINHO, ANA LÍVIA DOS SANTOS; SILVA, MOANA. CONCORDÂNCIA DE NÚMERO E DE GÊNERO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PORTUGUÊS DE ANGOLA, PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE E O PORTUGUÊS KAINGANG. IN: 4º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GELIC, 2014. SÃO PAULO. DISPONÍVEL EM <[HTTP://GELIC.FFLCH.USP.BR/SITES/GELIC.FFLCH.USP.BR/FILES/UPLOAD/PAGINAS/PROG_4GELIC.PDF#OVERLAY-CONTEXT=IVGELIC](http://gelic.fflch.usp.br/sites/gelic.fflch.usp.br/files/upload/paginas/prog_4gelic.pdf#overlay-context=ivgelic)>. ACESSO EM: 1 JUN. 2019.

SILVEIRA, ALFREDO CHRISTOFOLETTI. DITONGOS NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ. 2013. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA). UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2013.

THOMASON, SARAH. CONTACT EXPLANATIONS IN LINGUISTICS. IN: HICKEY, RAYMOND. THE HANDBOOK OF LANGUAGE CONTACT. OXFORD: BLACKWELL PUBLISHING, 2010. CAP. 1. P. 31-48. (BLACKWELL HANDBOOKS IN LINGUISTICS).

THOMASON, SARAH. G. LANGUAGE CONTACT. EDINBURGH: EDINBURGH UNIVERSITY PRESS, 2001. 310 p.

Anexo A – Lista de palavras

As palavras abaixo foram utilizadas na composição do corpus da metodologia.

obobó	mulher	avô	seriedade
abacaxi	boneca	ópera	avó
urubu	roça	útero	avozinha
sofá	árido	pêssego	terra
café	pálido	mímica	terrinha
micocó	homem	tráfico	terreno
ossobô	fome	década	sóbrio
menino	poça	esôfago	sobriedade
menina	freia	final	belo
elefante	pego [e]	tutor	belíssimo
táxi	extra	pozinho	beleza
caqui	fecha	poeira	serra
perereca	dedal	bola	serrinha
pato	modelo	bolinha	serragem
pilha	precoce	bolada	seriedade
pé	colega	cafezinho	avó
pena	júri	cafezal	avozinha
pó	número	mole	terra
toco	sílaba	molinho	terrinha
tudo	pérola	moleza	terreno
pomar	cédula	sério	sóbrio
dolorido	cadê	seríssimo	sobriedade

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.